



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA-UFSCB
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS- PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

TAKIRAWÃ PATAXÓ

VANUZIA BONFIM VIEIRA

PROTAGONISMO DAS MULHERES PATAXÓ
DA ALDEIA BARRA VELHA.

.

Porto Seguro – BA, 2021.

TAKIRAWÃ PATAXÓ
VANUZIA BONFIM VIEIRA

**PROTAGONISMO DAS MULHERES PATAXÓ
DA ALDEIA BARRA VELHA**

*AWÃKÃ UPÂ JOKANA PATAXÓ
UPÂ PATAXÍ ARAHUNA´Á MAKIAME*

Dissertação
de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ensino e Relações Étnico-Raciais,
como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Ensino e Relações Étnico-Raciais,
da Universidade Federal do Sul da
Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Machado Brito.

Porto Seguro – BA, 2021.

TAKIRAWÃ PATAXÓ
VANUZIA BONFIM VIEIRA

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

V658p Vieira, Vanuzia Bonfim, 1987 -

O protagonismo das mulheres Pataxó da Aldeia Barra Velha. /
Vanuzia Bonfim Vieira. – Porto Seguro, 2022.
88 p.

Orientador: Edson Machado de Brito

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.
Campus Sosígenes Costa.

1. Mulher Pataxó. 2. Cinema Indígena. 3. Autonomia. I. Brito,
Edson Machado de. II. Título.

CDD: 980.41

Bibliotecário: Lucas Sousa Carvalho – CRB5/1883

**PROTAGONISMO DAS MULHERES PATAXÓ
ALDEIA BARRA VELHA**

DA

***AWÃKÃ UPÂ JOKANA PATAXÓ
UPÂ PATAXÍ ARAHUNA´Á MAKIAME***

Autora: Vanuzia Bonfim Vieira

Comissão avaliadora:

Prof. Dr. Edson Machado de
Brito – Orientador

Prof.^a Dra. Barbara
Nascimento Flores-UESC-BA-
Externa a instituição.

Prof.^a Dra. Joceneide Cunha
dos Santos – UNEB- Membro
interna.

Prof.^a Dra. Rosângela de
Tugny-UFSB – Membro externa
ao programa.

Porto Seguro- BA, 2021

DEDICATÓRIA

Dedico em especial a minha família por esta sempre presente em todos os momentos nessa trajetória de luta pela minha formação, porque ser mulher indígena com grau de formação atualmente é difícil, mas não é impossível e o apoio da família é essencial.

Dedico ao meu esposo Alessandro por esta sempre do lado apoiando nas decisões e compartilhando dos sonhos.

Aos meus queridos filhos Tanoãihã, Txayhê Nawe e mais um kitoki que está a caminho por também compreenderem as ausências e fazerem parte dos sonhos.

Aos meus pais Waldy e Sidimar por sempre me apoiarem para a minha formação como pessoa.

Aos meus irmãos e sobrinhos que também não mediram esforço para me levar de moto às 4:00 da manhã em Caraíva para eu chegar a tempo nas aulas.

Ao professor Marcos Scarrassati pelo apoio no início do curso.

A Professora Rosangela e ao seu esposo Augustin por me acomodarem em todos os momentos durante o curso quando precisei.

As mulheres por compartilharem seus conhecimentos por nós.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui deixar meus agradecimentos

Ao grande Niamisu pelo fôlego da vida em está aqui para fazer a diferença.

A minha família que me apoiou em todos os momentos dessa caminhada: Ao meu esposo Alessandro; aos meus filhos Tanoãihã, Txayhe Nawe e mais um que está a caminho.

A minha Mãe Sidimar e meu Pai Waldy e todos meus irmãos.

As mulheres Pataxó que aceitou fazer parte desse trabalho: A dona Maria Coruja, Dona Sidimar, Taícia, Caamini, Tia Noélia, Dona Leide a Vice cacica Uruba, Vanuzia, Tanoãihã, Dona Jovelina Braz.

A todos professores do curso PPGER, ao meu orientador Edson Kaiapó.

A Professora Rosangela de Tugny e seu esposo Augustin por me acomodar em sua casa todas as vezes que precisei para estudar.

Aos meus colegas de curso que sempre estava unidos para todas as situações.

Ao professor Marco Scarassat.

A Lucas filho de Dona Coruja pelo canto Pataxó usado no início e final do documentário na voz de Caamini Pataxó.

Quero agradecer também a todo povo Pataxó em especial ao Povo Pataxó da aldeia Mãe Barra as mulheres que foram as fontes desse trabalho lindo que servirá de fonte para outras pesquisas dentro e fora da comunidade.

Enfim agradeço a todos que de alguma forma contribui para a realização desse trabalho e documentário.

Gratidão.

Lista de Figuras

- Figura 1: peixes para fazer moqueca.
- Figura 2: moquecas de peixe prontas.
- Figura 3: mandiocas.
- Figura 4: o kawi no processo de fermentação.
- Figura 5:descascando o coco para colocar no beju.
- Figura 6:peneirando a massa para fazer o beju.
- Figura 7:tirando a goma da mandioca para fazer o beju.
- Figura 8:assando o beju.
- Figura 9:homenagem a lua cheia.
- Figura 10:homenagem a lua cheia.
- Figura 11: homenagem a lua cheia.
- Figura 12:espírito do kawi.
- Figura 13:catando concha no mangue.
- Figura 14:início da aula de mestrado na UFSB.
- Figura 15:momento durante a mostra CINEOP-14.
- Figura 16:momento durante a mostra CINEOP-14.
- Figura 17:momento durante mostra de cinema na UFSB.
- Figura 18:Mapas das aldeias Pataxó.
- Figura 19:bebida típica kawi.
- Figura 20:fogueira durante o ritual da lua cheia.
- Figura 21:jovem Pataxó e a líder Malala.
- Figura 22:mostra de filme na reserva da Jaqueira.
- Figura 23:Live com Fund Willians Greaves.
- Figura 24: mostra de cinema no Mekukradjá.
- Figura 25: Live em Cinemas em Rede.
- Figura 26:Homenagem aos Mártires Tupinambá 2019.
- Figura 27:na aldeia tupinambá Serra do Padeiro. Figura 28:momentos de orientação no mestrado.
- Figura 29:benzimentos com Dona Leide.
- Figura 30: encontros das mulheres imamakã xohã.

Figura 31:momentos com as crianças na lagoa de fora.

Figura 32:entrega de equipamento de cinema.

Figura 33:levante pela terra 2021.

Figura 34:levante pela terra 2021.

Figura 35:movimento luta pela vida.

Figura 36:movimento luta pela vida.

Figura 37:movimento luta pela vida.

Figura 38:movimento luta pela vida.

Figura 39:movimento luta pela vida.

Figura 40:movimento luta pela vida.

Figura 41:movimento luta pela vida.

Figura 42:movimento luta vida.

Figura 43:Reunião com o cacique de Barra Velha.

Figura 44: sessão com mulheres Pataxó.

Figura 45:momentos de edição.

Figura 46:oficina em uma escola em Belo Horizonte.

Figura 47:oficina de audiovisual na aldeia Barra Velha.

Figura 48:monitoria dos alunos da UFMG.

Figura 49:com a deputada Joênia Wapichana.

Figura 50:1 Marcha de Mulheres Indígenas no Brasil 2019.

Figura 51: formatura de graduação na UFMG 2013.

Figura 52:Mostra no CINEOP-14.

Figura 53:oficina na UNEB.

Figura 54:centro cultural que foi queimado.

Figura 55:oficina na UFSB.

Figura 56:movimento em Salvador. Figura 57: manifesto luta pela vida.

Figura 58:manifesto luta pela vida.

Figura 59:manifesto luta pela vida.

Figura 60:manifesto luta pela vida.

Figura 61:fazendo beju para ritual da lua cheia.

Lista de Siglas

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
APIB- ARPINSUL	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Articulação dos Povos Indígenas do Sul.
PL-490	Projeto de Lei- que determina que são terras indígenas aquelas que estavam ocupadas pelos povos tradicionais em 5 de outubro de 1988.
CONAFER	Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais.
PPGER	Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
CINEOP	Mostra de Cinema de Ouro Preto
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
MEKUKRADJÁ	Encontro de Saberes.
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia.
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
CIMI	Conselho Indigenista Missionário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
O FILME A FORÇA DA MULHER PATAXÓ (NUHATÊ JOKANA PATAXI IMAMAKÃ)	23
O MESTRADO.....	28
A PRIMEIRA MARCHA DE MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL 2019.....	33
A VIAGEM.....	34
A VOLTA PARA CASA.....	35
1.0-CONTEXTUALIZANDO A ALDEIA BARRA VELHA.....	39
2.0-O ESPAÇO DA MULHER NA ALDEIA BARRA VELHA.....	42
3.0-MULHER PATAXÓ- CINEMA E PROTAGONISMO.....	54
3.1 A VIAGEM.....	58
3.2 O ACAMPAMENTO	59
3.3 O CONFLITO.....	61
3.4CONTINUAÇÃO DA VOTAÇÃO DA PL 490.....	63
3.5 NA CASA DO SÍLVIO.....	64
IMAGENS QUE REPRESENTAM A FORÇA DA MULHER CINEASTA.....	65
3.6 MOVIMENTO INDÍGENA FORMAÇÃO E CINEMA.....	82
4.0 PRODUTO FINAL.....	83
4.1 O DOCUMENTÁRIO.....	84
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	86
5.0 REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

(...) Eu sou cunhã barriga brasileira,
ventre sagrado povo brasileiro. (...)
Ventre que gerou o povo brasileiro.

(Eliane Potiguara)

Por se tratar de uma pesquisa atrelada ao meu pertencimento - mulher Pataxó, e por ter como recorte espacial o meio que vivencio cotidianamente - minha aldeia Barra Velha, no município de Porto Seguro/Ba, é absolutamente descartada a possibilidade do meu não envolvimento nas questões a que a pesquisa se reporta. No mundo acadêmico convencional é exigido da pesquisadora uma ação “neutra” no ato de pesquisar e de escrever o texto final da pesquisa. De modo complementar, é comum aprendermos na academia que o envolvimento do pesquisador com o seu objeto de estudos compromete a objetividade do conhecimento.

Considerando a convergência da temática e do recorte espacial da minha pesquisa no meu pertencimento de mulher Pataxó, e meu inevitável envolvimento com a investigação proposta, é necessário afirmar de antemão que ainda assim será garantida a objetividade do conhecimento produzido, pois como sugere Vieira (1991), “A objetividade está em recuperar o movimento, a contradição do acontecer histórico, entendido como processo vivido por homens reais” (VIEIRA, 1991, p. 52).

Assim entendido, é importante ressaltar que seguirei pelo caminho da sabedoria milenar do meu povo e pelo movimento circular e contextualizado para enunciar a minha pesquisa. As problemáticas, objetivos, recortes espacial e temporal estão dialogando com pressupostos teórico-metodológicos construídos para tal finalidade.

Sem deixar de lado a objetividade, considero importante narrar sobre aspectos fundamentais e sensíveis, que muitas vezes são anulados pela ortodoxia acadêmica, em nome da ciência e da busca da verdade universal, deixando de lado o encantamento das palavras e das coisas importantes para os povos indígenas.

Dito de outro modo, as evidências e as realidades apresentadas não serão apenas apêndices para um estudo pautado em teorias desconexas e pretensamente neutras, que não dialogam com os nossos saberes e projetos societários. A teoria não explica e nem recupera, por si só, o objeto de pesquisa, assim sendo, as evidências demonstradas não serão meras ilustrações para comprovar teorias, pelo contrário, a teoria dialoga com as memórias, saberes e com as cosmologias do meu povo.

O presente estudo abordará sobre as mulheres Pataxó da aldeia Barra Velha, buscando compreender as relações societárias desse povo, suas lutas, resistências e conquistas, colocando no centro dos debates, o protagonismo da mulher Pataxó. O objetivo da pesquisa é trazer as mulheres desse povo para dentro da história, apresentando-as como pessoas e grupos ativos e fundamentais na produção e reprodução dos valores ancestrais, dando ao mesmo tempo visibilidade ao povo Pataxó e às suas memórias históricas e saberes específicos.

No clássico texto intitulado *Teses sobre o conceito de história*, ao questionar sobre os princípios dos silêncios produzidos pela história hegemônica, Walter Benjamin (2005) faz a seguinte pergunta: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”. O autor levanta um questionamento que é a problemática central da presente pesquisa, que é o gritante silenciamento das mulheres Pataxó na aldeia Barra Velha, seus motivos e princípios.

Numa conversa com uma parenta Kayapó (Parenta é uma forma que nos direcionamos a outro indígena que faz ou não parte do mesmo povo), refletimos sobre essa problemática de pesquisa e de pertencimento, entre outras questões, ouvi dela o entendimento de que antes de ser mulher, nós nascemos indígenas. Ou seja, o pertencimento Pataxó é anterior ao gênero mulher, visto que antes do gênero mulher ser apresentado aos indígenas, diversas nações originárias existiam e produziam, reproduziam seus modos próprios de vida. O teor da conversa foi marcante pra mim, fazendo-me refletir sobre as mulheres Pataxó: quem somos, nossos afazeres e nossas lutas.

Diante das questões acima levantadas, ressalto que sou uma mulher Pataxó e tenho muito orgulho disso. Meu nome de batismo é Vanuzia, e nome Pataxó é Takirawã. O nome Vanuzia foi dado por uma enfermeira que trabalhava aqui na aldeia, que convenceu meu pai de que esse era um nome bonito, então fui registrada com esse nome, até porque os cartórios não registravam os nomes indígenas, fato que aponta para uma histórica violência do Estado e da sociedade brasileira contra os nossos povos.

O nome Takirawã foi dado para mim nos momentos de ritual, por uma de minhas colegas, pois eu era a mais alta da turma, e Takirawã é uma palmeira alta. Então foi dessa forma que ganhei meu nome étnico, iniciando aí uma trajetória de aprendizados que me fizeram amar minha cultura, ter orgulho do pertencimento Pataxó e querer ensinar isso tudo para meus filhos.

Como uma mulher indígena ativista, detentora de diferentes habilidades e conhecedora de muitos ensinamentos que acumulei ao longo de minha trajetória,

atuo na aldeia como artesã, marisqueira, agricultora, professora, pesquisadora, mãe, curandeira e cineasta. Baseado nos saberes ancestrais, meu esposo sempre diz que as mulheres são pajés, porque são as únicas que aprendem desde cedo a usar as plantas para combater diversos tipos de doença, para produzir banhos, simpatias de cura e para outras finalidades.

Casada há quinze anos com um Pataxó e mãe de dois filhos- Tanoãihã e Txayhe Nawe, considero que minha família é de suma importância. Minha mãe é uma sábia Pataxó, chamada Sidimar, é minha inspiração para a vida e para a projeção e execução de minhas ações de ativista, mãe e profissional. Meu esposo Alessandro é meu porto seguro, meus filhos são jóias preciosas e a aldeia Barra Velha é o paraíso onde moro e me fortaleço como Pataxó.

Diante de tantos desafios enfrentados pelos povos indígenas no Brasil, considero que sou exemplo de superação, pois atualmente ocupo diversos espaços na sociedade indígena e não-indígena, a exemplo de estar cursando o mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB, uma prova de que o lugar da mulher indígena é onde ela quiser estar. O fato de ser casada e mãe não representa fragilidade, pelo contrário, é onde me fortaleço no pertencimento e na espiritualidade originária.

Desde criança na aldeia, eu ouvi todos os tipos de histórias contadas pelos mais velhos. Antigamente na aldeia Barra Velha não tinha energia elétrica, os moradores costumavam sentar em volta da fogueira para contar e ouvir, sobretudo as histórias do meu povo, mas o tempo foi passando e tudo foi se modificando, e a prática de sentar em volta da fogueira para ouvir e contar histórias foi se perdendo, e no lugar da fogueira viva de histórias reais e inspiradoras de lutas ancestrais e territoriais, vimos surgir o fogo frio das tecnologias, com destaque a televisão e mais recentemente a invasão da internet de fácil acesso e as redes sociais.

Carrego no meu cotidiano as histórias vivas que aprendi na infância, e quando comecei a estudar tive contato com outros tipos de histórias, contadas a partir da perspectiva do colonizador, e os personagens dessas histórias escolares eram quase todos homens e não-índios. Quando entrei no ensino médio, comecei a perceber que as histórias que ouvíamos na infância eram também contadas pelos homens, naquelas rodas à beira da fogueira. Foi quando passei a questionar: e as mulheres, por que elas não protagonizam as narrativas ancestrais naqueles círculos coletivos?

A maioria das pessoas da minha família é mulher. Quando os professores pediam para fazermos trabalhos de pesquisas eu sempre buscava entrevistar mulheres. A temática mulher na aldeia era questão que causava em mim uma inquietação que foi ganhando força à medida que eu avançava nos estudos escolares, e quando eu entrei na Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais, tive a oportunidade de escrever o meu trabalho de conclusão de curso com o tema “A aldeia

Mãe e as Mães da Aldeia”, no qual apresento a história da Aldeia Barra Velha na perspectiva das mulheres Pataxó.

No processo de construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso, pude perceber que nas histórias que ouvi na infância, quase sempre contadas por homens, as mulheres estavam lá presentes, dando suporte ou cuidando da base, como de costume. Falavam pouco, mas eram reconhecidas como sábias, possuidoras de práticas de curanderia e de manejo das plantas que alimentam e curam, assim como são exímias produtoras de artesanatos. Portanto, entendo que essa é a forma delas falarem, porque os velhos são grandes sábios, e aprendemos que muitas vezes ao fazer silêncio, aprendemos mais do que falando.

Entendo a importância do equilíbrio socioambiental para a valorização e fortalecimento do nosso povo, com destaque ao papel da mulher nesse contexto. A esse respeito (KAYAPÓ; SCHUBERT; ULRICH, 2020) fazem a seguinte consideração:

A devastação dos territórios e o racismo ambiental guardam relações muito estreitas com questões que percebemos na pauta dos debates das indígenas mulheres. Os povos indígenas instituídos à margem da sociedade são os que menos contribuem para os danos ambientais, a devastação e a mudança climática. Certamente são eles que de maneira mais contundente são afetados e, especialmente, o segmento feminino, o mais atingido (KAYAPÓ; SCHUBERT; ULRICH, 2020, p. 68).

Acredito que fui escolhida por forças maiores para falar por e sobre as mulheres Pataxó. Na minha família e na comunidade sempre convivi e admirei as mulheres, e praticamente tudo que sei devo a elas, então por esse motivo sinto a necessidade de falar e escrever sobre esse tema.

Após fazer o trabalho de conclusão de curso na UFMG, tive a oportunidade de participar de uma oficina de audiovisual na minha aldeia em 2016, momento para mim muito importante, porque foi a chance de apresentar mais uma vez as histórias das mulheres Pataxó nas telas de cinema, dando visibilidade à voz feminina, como se o destino me guiasse nesse processo de escrita sobre a mulher Pataxó.

Nas oficinas do audiovisual que participei, os ministrantes davam liberdade para filmarmos o que achávamos importante, quando aproveitei para filmar as mulheres e os espaços onde elas estavam. Fizemos várias filmagens com elas nos diferentes espaços de vivência tradicional, entre as quais estavam parteiras, artesãs, benzedeiras, mães nos rituais, e nos movimentos e no cotidiano. A oficina teve como produto final o filme: A Força da Mulher Pataxó - que apresenta a realidade dessas mulheres e os espaços ocupados por elas na comunidade, bem como as histórias do meu povo, do ponto de vista feminino.

A força da Mulher Pataxó - Nuhâtê Jokana Pataxí Imamakã

O filme A força da Mulher Pataxó Nuhâtê Jokana Pataxí Imamakã, se passa no território Barra velha, onde mostra um pouco da realidade da mulher pataxó, suas lutas diárias (territorial, social e política), mostra a luta pelos direitos garantidos na constituição de 1988 de usufruto do território ancestral, diariamente negados. Mostra um pouco da luta antiga e a luta diária, vão conhecer a aldeia pataxó Barra Velha através das guerreiras protagonistas deste filme.

O filme inicia com um canto que foi feito em homenagem à força e a fartura da lua cheia e uma fogueira que é símbolo da força de uma mulher indígena, que apesar das lutas se mantém sempre acesa. Em seguida, nos mostra a realidade vivida historicamente a partir de um canto.

Apesar de não serem encontradas em livros didáticos, as histórias permanecem vivas na memória e no coração dos anciões, as canções nos ensinam e fazem com que não esqueçamos nunca a luta e a resistência do povo Pataxó.

O segundo canto do filme entoado por Maria Coruja:

Os primeiros brasileiros somos
índios.
E os primeiros brasileiros somos
índios.
Viviam sem problema nenhum.
E hoje não temos direito em nada.
Como é que o índio vive nessa
jogada.
Cabral chegou.
Deixou nossa terra complicada.
Ele não ajudou em nada.
O que ele veio fazer foi nossa terra
tomar.

A canção é clara em relação à invasão do nosso território. Após a canção, o esposo de Maria Coruja expõe seus questionamentos sobre Cabral, o invasor. Como, na verdade, nós os povos indígenas somos o grupo de risco desde a chegada de Cabral em nossa terras, são canções que nos remetem à voltar no tempo e perceber o quanto o povo Pataxó se mantém firme e que apesar de muitos, não saberem ler e nem escrever, são grandes doutores de conhecimento de mundo e nos ensinam muito com seus conhecimentos, permite também a entender como esse assunto é tema atual no mundo e que a luta é contínua.

Em seguida, temos a benzedeira, Dona Leide, mulher guerreira de nossa comunidade que com seu dom e “abaixo de Deus”, como diz ela: “deixa qualquer um que tenha fé, bom”.

Em suas palavras, diz que é procurada por todos os tipos de pessoas em sua casa em busca de uma cura tanto espiritual como carnal: tem espaço para todos que tenham fé e acreditam em seus benzimentos, andam em sua casa, cristãos, evangélicos, turistas, pessoas de várias religiões e segundo ela, a religião não interfere em nada porque o dom da cura quem deu foi Deus!

No momento da filmagem, quando foi questionada sobre qual religião seguia, ela respondeu que acreditava nos santos e na força de suas orações, conta com muita graça que uma vez passou para lei do crente (religião Evangélica) e à noite seu pai veio em sonho e disse que se ela continuasse nessa religião, ele viria e te daria uma surra, então ela disse que não seguiu mais a religião evangélica, e ela só entraria de novo se todos membros da família passassem também, algo que, segundo ela, nunca aconteceria.

Em seguida ouvimos um pouco da experiência da parteira Bia, que fala como aprendeu a ajudar as mulheres Pataxó na hora do parto. Conta de suas experiências familiares e também de outras experiências com outras mulheres na comunidade, e diz que aprendeu tudo a partir da observação, ou seja, aprendeu fazendo, porque como diz ela: “a gente não estuda para aprender essas práticas, a gente aprende com o convívio e o gostar de fazer”.

A próxima personagem do filme é Dona Neide, mulher de grandes dons culinários, apesar da mulher Pataxó saber fazer diversas práticas tradicionais, ela sempre faz a que mais gosta. Exemplo disso, são as diferenças de espaços ocupados por elas no filme. Neide, no filme, fala um pouco da ciência do Kawi (bebida tradicional do meu povo), ensina três técnicas para que o Kawi fique bom e não estrague após o processo que passa para ficar bom.

Outra mulher de personalidade forte, é Tury, que em um movimento organizado pelas mulheres no vilarejo Caraiva que é terra Pataxó, onde a maioria das mulheres sofrem racismo e preconceito todos os dias nas praias e nos estabelecimentos onde entram para vender seus artesanatos, reivindicaram com o objetivo de garantir o respeito e o direito de ir e vir dentro do próprio território para vender os artesanatos, já que, “o imigrante aqui não somos nós!”.

Foi um movimento de luta pela garantia dos direitos na constituição de 1988, e que muitos não indígenas parecem não conhecer. Por último, são apresentadas algumas mulheres tratando peixe para fazer moquecas para o ritual da lua cheia à noite.

O ritual da lua cheia é um momento de grande importância e fartura para nós Pataxó, a vida cotidiana tem relação com os ciclos lunares, porque como na maioria dos povos indígenas tem um tempo para todas as coisas, e a lua Cheia representa a fartura de tudo na natureza, fartura nas florestas, no mar, no mangue, no céu é um tempo que é bom para fazer várias coisas plantar, caçar, pescar, colher frutas, fazer remédios, cortar cabelo, tem relação com o parto tem relação com muitos movimentos na aldeia.

A preparação do ritual da Lua cheia (Dawê Maiõ Ixê), começa uma noite anterior, é uma atividade dos homens, onde vão para o mangue à noite pegar os peixes que são usados para fazer as moquecas assadas na folha da patioba no dia seguinte. Vão a esse horário porque é o melhor momento para pegar os peixes como falei no início quando se tem conhecimento de mundo e essa relação próxima com a natureza, sabemos exatamente o horário e onde pegar os alimentos. Sempre quando vão, trazem os peixes, que são entregues para o grupo de mulheres que ficaram responsáveis para tratar e fazer a moqueca.



Foto: peixes já tratados e temperados para a moqueca.



Foto: moquecas prontas.

As atividades que são feitas para o Ritual são todas divididas anteriormente: têm três atividades que são feitas um dia antes do ritual, que é pegar o peixe no mangue ou no mar para fazer a moqueca no dia seguinte; pegar a mandioca para fazer o kawí (bebida tradicional feita com aipim cozido); e produzir o beiju, que é feito de mandioca, coco, açúcar, sal. Fazemos três tipos de beju (de rolo, de tapioca, de massa, de puba, malapança), que são todos feitos da mandioca, mas com processos diferentes e todos produzidos praticamente pelas mulheres. Os homens, neste processo do beiju, ficam responsáveis de pegar a lenha para assar o beiju. Estas três atividades são feitas um dia antes do ritual.

As imagens abaixo apresentam momentos de produção dos alimentos acima destacados, em que a comunidade está envolvida, inclusive as crianças, num processo de aprendizado oral das nossas tradições.



Processo do Kawi.



Processo dos variados tipos de beju.

No dia seguinte são realizadas as outras atividades, baseadas na coleta das ervas medicinais (amescla, boldo, erva cidreira, capim doutor, pratudo, capim de aruanda), para fazer chás e usar no incenso durante o ritual, que é uma tarefa mais das crianças acompanhadas por alguns adultos. Outra atividade, é pegar aipim para fazer paçoca, que é a mistura do aipim cozido com coco, além de pegar os mariscos no mar (ouriços, rita pedra, lagostas) e no mangue (conchas, siri, caranguejo, buzo).

Tem as atividades de pinturas corporais, que também é uma preparação das pessoas que vão participar do ritual. Tem a organização do espaço onde será feito o ritual: fazer a fogueira, rastelar o espaço e organizar também onde colocar os alimentos que serão servidos durante e após finalizar o ritual.

Um grupo de pessoas fica responsável pela distribuição do alimento, tem a equipe responsável pela apresentação específica durante o ritual, que é uma homenagem à fartura da lua, que pode estar relacionada aos elementos físicos ou espirituais. Esta é uma descrição do que tem no filme A Força da Mulher Pataxó. As imagens abaixo registram momentos da produção do filme.



Fotos: momento de homenagem a fartura da lua cheia (Alessandro: 2015).



Foto: catando concha no mangue.

O Mestrado

Após esta oficina fiz minha inscrição para o Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia, onde fui aprovada entre os 35 acadêmicos selecionados, sendo que sete são Pataxó, uma conquista do nosso povo, da minha comunidade, lembrando que sou a primeira mulher da aldeia Barra Velha a entrar em um mestrado, e mais uma vez

estou diante da oportunidade de continuar as pesquisas e a escrita sobre a mulher Pataxó.

Quando iniciei no Mestrado, já atuava como professora há 9 anos na aldeia. Como foi um mestrado sem bolsa de incentivo, enfrentei com garra e coragem, porque além de pagar a passagem de ida e volta tive que também enfrentar a direção da escola onde atuava. No início conversei com a direção e combinamos de fazer a troca de horários com outros professores para que eu pudesse estudar, estudava duas vezes na semana e quando chegava na faculdade ainda dava aula.

Nas duas primeiras semanas deu tudo certo, até que o diretor me chamou e disse que essa forma estaria prejudicando os alunos em relação ao aprendizado, e ainda citou:

“eu mesmo comecei uma pós, mas tive que optar pelo trabalho ou sala de aula”.

Depois que ele falou isso, era essa a opção que estava me dando, continuar o mestrado. Na hora eu disse para conseguir outro professor para assumir a turma, que a minha prioridade no momento era ir em busca da minha formação.

Então, ele respondeu: “não é isso que estou propondo, é porque os outros professores estão reclamando da carga horária”. Eu disse que não havia mudado a carga horária pois os dias foram trocados.

Voltei para casa triste e com vontade de sair e deixar os alunos sem aulas, mas pensei muito e decidi terminar o ano mesmo com todos os desafios, até porque não tinha um outro professor para assumir a turma.

Estudava duas vezes na semana terça o dia todo e quarta de tarde e à noite, saía da minha aldeia quatro horas da manhã, às vezes meu irmão me levava, às vezes era minha filha que levava, tinha que sair esse horário para pegar a van que saía às 5 da madrugada e então dava tempo de pegar a aula no início. Gastava vinte minutos de moto até Caraíva, caminhava uns 10 minutos até a beira do rio e atravessava para pegar a van do outro lado do rio, gastava 1:30 até a balsa em Arraial D’ajuda, atravessava a balsa e pegava um moto-taxi até a faculdade, que levava de vinte e cinco a trinta minutos. Chegando lá tomava um café rápido e entrava para a aula, saía, almoçava e voltava para a aula, saía às dezoito horas e pegava o ônibus de linha que vinha de Eunápolis, as vezes pegava lotação até a rodoviária e ia dormir na casa da professora Rosângela, onde dormia toda vez que ia estudar, porque senão tinha que pagar hotel, mas eu não tinha recurso para isso, e quando ela não podia me receber lá na casa dela, eu ficava na casa da minha irmã na Aldeia Coroa Vermelha, mas em todo esse tempo fiquei lá apenas três vezes, porque era longe demais pelo horário que eu saía da aula, chegava lá muito tarde. Esse foi o percurso que fiz durante um ano e meio até finalizar as disciplinas, e finalizamos com três aulas online, porque entrou a pandemia e parou tudo, finalizei todas com uma boa nota.



Foto: Primeiro dia de aula no Mestrado Profissional em Ensino e relações Etnico-Raciais

A partir do momento que ingressei no Mestrado e o filme já ter circulado em alguns espaços, novas portas se abriram para mim, assim que iniciei as aulas eu e Caamini Braz, a outra mulher que fez parte da direção do Filme A Força das Mulheres Pataxó da Aldeia Mãe, fomos convidadas por intermédio do professor Bernad da UFSB, o mesmo que deu a oficina de vídeo para nós, a irmos em um Evento de Cinema muito conhecido - O CINEOP-14 - mostra de Cinema em Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, que aconteceu nos dias 6 a 10 de junho de 2019.

Por questões pessoais Caamini não pôde ir, então eu fui com meu esposo Alessandro, que já estava em Minas Gerais, onde também faz Mestrado em Antropologia na Fafich/UFMG, fomos representando a equipe de Cinema Pataxó.

Sai de Porto Seguro para Minas Gerais de avião, meio de transporte que tenho maior receio, apesar de ter viajado nele algumas vezes. Cheguei lá à tarde e de lá pegamos uma van no centro de Belo Horizonte, onde Alessandro e outras pessoas já me aguardavam para ir para o local do evento.

Ficamos hospedados junto com outros participantes do evento, foi uma semana incrível, onde pude conhecer os trabalhos de outros artistas e pessoas da área do Cinema, que se tornaram irmãos de caminhada. Aprendi muito e acredito que também levei aprendizados para muitas pessoas que nunca tiveram contato com meu povo. Foi lá também que conheci o trabalho de Patrícia Guarani e Sophia Pinheiro e Mari Corrêa

(pessoas fundamentais para conseguir dar continuidade ao meu trabalho como Cineasta).

Nunca passei tanto frio na vida, o lugar é frio demais, não sei se foi o período que fomos, mas o dia todo durante toda a semana o frio não dava trégua, mas apesar do frio o evento foi muito bom, e durante a semana pude perceber também o quanto as pessoas não têm informações sobre nós indígenas, e enquanto

caminhávamos nas ruas da cidade, aconteceram alguns fatos que nos deixaram intrigados... Estava eu, meu esposo e a parente e comadre Célia Xacriabá caminhando, quando de repente na praça encontramos alguns estudantes usando fardas, acredito que eram alunos de Colégio militar, e quando passamos em frente ao grupo e como é de costume do nosso Povo usar nossos adereços tradicionais como o Cocar, pulseiras e colares, eles começaram a fazer gestos batendo na boca, um gesto que a famosa Xuxa fazia quando se tratava dos povos indígenas, gesto esse que para nós Pataxó representa algo ruim, como um gesto de vaias, ou seja, gesto de pouco caso conosco, assim que fizeram o gesto meu esposo na hora foi até o grupo e perguntou a eles quem era a professora responsável por eles, então indicaram a pessoa.

Alessandro chamou a atenção deles e do professor em relação aos gestos feitos pelos alunos, e disse o porque que não gostamos do tipo de tratamento e deixou uma reflexão para eles em que antes de fazer certos tipos de atitudes, deveriam se informar melhor. O Professor, após os questionamentos de Alessandro, pediu desculpas em nome dos alunos e disse que isso não se repetiria e logo em seguida saímos deixando o grupo sentado no chão e fomos em direção ao espaço onde iríamos assistir um filme, e chegando no espaço a Célia desceu as escadas e foi buscar água para beber. Ficamos na parte de cima esperando, e enquanto ela estava lá embaixo, um rapaz se aproximou dela e disse:

"Nossa, que fantasia linda!"

Então, muito educadamente ela se virou para o moço e respondeu: "Moço, essa é minha roupa, não é fantasia!"

Ele se desculpou e saiu todo sem graça, quando ela chegou junto de nós, muito irritada e disse que estava muito triste e chateada com tudo que aconteceu naquele dia, assistimos a sessão e voltamos para o hotel.

No dia seguinte seria a sessão do filme Pataxó, onde eu iria fazer os comentários, e no dia da sessão um frio na barriga e eu estava muito ansiosa pelo momento. Chegamos uma hora antes para testar tudo, e vinte minutos antes, o pessoal começou a entrar no auditório e o frio na barriga aumentava e meu esposo do lado me acalmando.

Começou a sessão, falei um pouco sobre a produção do Filme e deixei para que as pessoas que falassem sobre o que acharam do filme. Foi uma emoção assistir na tela do cinema.

No final, as pessoas começaram a questionar e a pontuar algumas situações que aconteceram. Uma das questões que me chamou muita atenção foi um homem que estava ali, que me perguntou o que eu achava dos livros de José de Alencar e a forma como ele descreve os indígenas na pessoa de Iracema.

Respondi a ele que foi por causa desta forma de escrita que hoje sofremos muito preconceito, pois romantiza demais nossa forma de viver e põe a mulher indígena como objeto sexual, e que na verdade não é assim. Somos grandes guerreiros e merecemos muito respeito porque somos resistência desde a invasão do Brasil, e como se não bastasse isso, nossa imagem sempre foi vendida para a

sociedade como se estivéssemos parados no tempo e que aceitamos de forma natural tudo que aconteceu e nos foi imposto de forma brutal.

Outra questão muito comentada naquele dia, foi a forma que nós, mulheres, somos tratadas em nosso território mais especificamente no vilarejo de Caraíva, local muito frequentado por turistas do mundo todo e que é terra Pataxó, e onde vendemos nossos artesanatos e muitas vezes somos barradas nas portas dos estabelecimentos e ainda sofremos o preconceito por não termos as características que a sociedade aprendeu a ter sobre “o indígena”. Sem levar em consideração os processos forçados de miscigenação passados pelo meu povo.

Outra questão foi, se as crianças não se feriam com os facões que sempre apareciam nas imagens. Respondi que é algo que faz parte do cotidiano e raramente acontecem lesões. Ao final, Alessandro falou um pouco da importância desse trabalho, principalmente das mulheres Pataxó, as pessoas que assistiram gostaram muito do filme e agradeceram por estarmos compartilhando essas histórias que não se encontram nos livros didáticos. Agradei também pela oportunidade de poder compartilhar a história do meu Povo com pessoas que nunca tiveram a oportunidade de conhecer.



Foto: Cineop (2019).



Foto: Momentos de caminhadas na cidade de Ouro Preto durante o 14 Cineop.

|

A Primeira Marcha de Mulheres Indígenas no Brasil 2019

Foi um movimento histórico, muito importante para a história dos povos indígenas no Brasil, um movimento organizado por mulheres e para mulheres onde eu estava em aulas do Mestrado na UFSB em Porto Seguro. Como falei anteriormente, no Cineop conheci pessoas que se tornaram irmãos, e uma dessas pessoas que me estendeu as mãos, foi a Mary Corrêa, uma pessoa que continuei a conversar após o evento. Bernard Belissário e Rosângela de Tugny foram e são outras pessoas fundamentais na minha trajetória.

Algumas pessoas da minha comunidade também quiseram participar daquele e de outros eventos, e muitas vezes não conseguimos ir, pois o sistema e as atividades cotidianas nos impede de muitas formas.

Para aquele evento em Brasília eu havia descartado a possibilidade de ir, porque além de estar dando aulas na aldeia, ainda tinha que estudar, além de não ter condições financeiras. Então, estava na minha casa quando recebi algumas mensagens da Mary me perguntando se eu ia participar do movimento de Mulheres em Brasília, quando respondi para ela que eu gostaria muito de ir, mas que não tinha condições, nem eu e nem outras pessoas da aldeia. Ela respondeu que se eu quisesse ir, ela daria as condições, então na hora eu aceitei e informei meu esposo que estava estudando em Minas Gerais na UFMG. Ele também queria ir e foi a oportunidade dele também, mas logo fiquei preocupada sobre como eu iria filmar sem uma câmera boa, então falei com Bernard sobre a possibilidade de emprestar os equipamentos que ele usa para dar aula na universidade, sendo que prontamente ele disse disse que como eu era aluna, que não teria problema nenhum, que eu só teria que assinar um termo de responsabilidade para retirar os equipamentos.

Então peguei esses equipamentos, que eram de melhor resolução do que a câmera que eu tinha e que me ajudaram muito no movimento. A Mary organizou a Passagem e eu falei com ela da possibilidade de uma outra pessoa ir comigo, para me ajudar com os equipamentos, porque teriam momentos que eu precisaria

de um suporte, até porque eu iria para a capital do Brasil e não conhecia ninguém lá. Então não tive dúvida, Alessandro, o meu esposo iria ser esta pessoa.

A viagem:

No dia da viagem e super ansiosa porque seria de avião, sai da minha aldeia às 5 horas da manhã, para o vilarejo de Caraíva que fica há seis quilômetros da aldeia. Lá atravessei em uma canoa até o outro lado do rio e peguei uma van que demora uma hora e meia até Porto Seguro, e lá chegando fui pegar os equipamentos na casa de Bernard e de lá fui para o aeroporto. Ele e sua companheira foram comigo.

Alessandro já tinha saído na noite anterior e já estava me esperando no aeroporto de Brasília junto com uma amiga, Amanda Jardim. Assim que cheguei, já estavam lá me esperando.

Segui o pessoal que estava no avião e fomos direto ao desembarque das malas, onde ficamos aguardando a barraca que não aparecia, depois de alguns minutos um rapaz que trabalhava no aeroporto veio e falou que a barraca estaria em um outro lugar, então fomos lá, pegamos e saímos direto para o lugar onde estava acontecendo o movimento.

Cheguei no local e armamos nossa barraca junto a outras centenas de barracas que já estavam lá, de várias mulheres pertencentes a vários povos indígenas no Brasil. A marcha estava prevista para acontecer do dia 09 a 14 de Agosto de 2019.

No dia seguinte da nossa chegada começamos a fazer as filmagens com várias lideranças dos diferentes povos. Estavam presentes mais de 2500 mulheres indígenas do Brasil, representantes de lutas diárias dos povos indígenas diante da sociedade brasileira.

Uma das pautas dos debates era a garantia dos territórios indígenas, porque tendo esta garantia podemos lutar pelos outros direitos como saúde, educação etc. A marcha deu visibilidade às lutas das mulheres e reconheceu o seu protagonismo, iniciando com várias apresentações dos povos e em seguida o debate das pautas nas assembleias que aconteceram nos dias seguintes.

Registrei o máximo que pude, até porque eu era a única mulher da minha aldeia presente no movimento. Um momento marcante durante a marcha foi no dia 12, quando saímos em marcha nas ruas da capital, dia em que ocupamos a sede da Sesai na esplanada dos ministérios, momento em que todas as mulheres entoavam em alto e bom som: “Sangue indígena nenhuma gota a mais! Território. Nosso corpo. Nosso espírito”.

Foi reivindicado naquele mesmo dia uma atenção em relação à saúde indígena, pois o atendimento estava ruim e aconteceram várias mortes por descaso, segundo relatos de várias mulheres.

A Volta Para Casa:

Filmamos muitos momentos, então chegou a hora do retorno para casa, a minha passagem estava comprada para um dia antes de finalizar o movimento, e bem no dia que aconteceu as marchas das margaridas, começou a correria para eu retornar, porque fecharam a avenida principal e não teria como passar e poderia perder o voo. Então mais uma vez liguei para a Mary e ela conseguiu remarcar a passagem para o outro dia, então no dia seguinte saí cedo para o aeroporto na companhia do meu esposo, ele só iria viajar à noite para Belo Horizonte. Embarquei e desembarquei em Porto Seguro, já planejando chegar no mesmo dia em casa.

Diante de tudo o que vivencio, reconheço os desafios e dificuldades para lidar com a temática indígena e suas diversas ramificações, especialmente o tema mulher indígena. É válido o alerta feito pela historiadora Michelle Perrot:

[...] para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres [...]. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua a gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimulam ela (PERROT, 2007, p. 21).

Durante muitos anos ouvi e me apropriei de inúmeras histórias contadas por homens, e raramente por mulheres, assim como tive acesso a muitos conhecimentos tradicionais que foram ensinados por mulheres. Considero que agora é o momento de convergir esses aprendizados e histórias, ressignificando-as no tempo presente, sob o prisma das mulheres Pataxó da aldeia Barra Velha.

Assim sendo, proponho um estudo que analisa as estratégias e formas de organização social das mulheres na aldeia e como elas colaboram na valorização, fortalecimento e atualização das tradições Pataxó, evidenciando as diversas formas de relacionamento delas com os demais membros da aldeia, com o Estado e com a sociedade envolvente, as quais pressupõem o estabelecimento de confrontos, pactos e consentimentos.

Portanto, trata-se de um trabalho acadêmico protagonizado por uma mulher Pataxó, que utilizará entrevistas realizadas com mulheres da aldeia que narrarão suas histórias nos diferentes espaços de tempo e a partir de suas experiências de vida, focando nas dificuldades que elas enfrentam e suas conquistas no cotidiano da aldeia e nos espaços fora da aldeia também.

Quanto às entrevistas, é importante ressaltar que foram selecionados, para fins da pesquisa os depoimentos de anciãs, mulheres que ocupam espaços de liderança ou de notório saber na aldeia Barra Velha. As narrativas das depoentes não pretendem estabelecer compromissos com a memória oficial, mas sim desconstruí-la e desnaturalizá-la, uma vez que a memória e a história hegemônica

silenciam os nossos povos, especialmente as vozes das mulheres. A pesquisa seguirá as orientações de Araújo e Fernandes (2006), que assim se expressam: “[...] o fator singular presente no depoimento oral é que a fonte é constituída por uma narrativa e que esta consiste na interpretação da experiência vivida, longe da objetividade e da verdade almejada pela historiografia tradicional [...]” (ARAÚJO e FERNANDES, 2006, p.23).

Assim entendido, as entrevistas serão analisadas no sentido de dar visibilidade às vozes das mulheres indígenas da aldeia Barra Velha, compreendendo as entrevistas como sendo “um método do presente não diretamente tributário ao passado” (VIDAL, 1980, p. 77), o que significa pensá-la como narrativas de experiências vividas e os impactos que elas produzem nessas pessoas depoentes.

O meu ingresso no mestrado abriu muitas portas onde tive a oportunidade de aprender e levar um pouco do protagonismo da mulher Pataxó. Participei de vários seminários e encontros para falar do filme e da participação de mulheres no cinema.



Ainda em 2019 me inscrevi em um edital internacional, juntamente com uma jornalista que se tornou grande amiga de caminhada, a Joana. Ela me falou do edital e escrevemos juntas para o Willians Greaves Fund- Firelight Media, nesse ano abriram vagas para negros e indígenas, onde meu projeto foi selecionado e com muito orgulho dediquei-me a fazer este trabalho, em que tive a oportunidade de comprar os equipamentos necessários para seguir a carreira de Cineasta indígena. Quando recebi a notícia que o meu projeto foi um dos selecionados fiquei muito feliz, pois foi bastante concorrido e apenas 12 projetos foram aprovados, dois em cada país e aqui do Brasil foi o meu e de uma moça negra de salvador.

Assim que fui informada que meu projeto tinha sido aprovado, foi declarado que em poucos dias o dinheiro estaria na conta para a compra dos equipamentos e viabilização da proposta, mas houve uma demora significativa

até acontecer a liberação efetiva do valor, uma situação que me faz pensar que houve uma ação de racismo e de irresponsabilidade banco, se fosse uma pessoa branca teria recebido logo, mas vivendo em um país onde os povos indígenas são massacrados de todas as formas, acredito que esse fato não foi estranho e nem isolado.

Atrasei um pouco na edição deste trabalho porque os quatro meses de embate no banco era o tempo que eu teria comprado os equipamentos e dado seguimento na edição. Devido aos tempos de pandemia, o prazo de entrega do documentário que propus a fazer se estendeu e entreguei em agosto de 2021, mas o produto final deste documentário ainda vai ser feito, porque mais do que nunca eu quero terminar para que essa história tenha continuidade e que outros cineastas não passem pelo que passei na minha própria terra, este produto vai ser fruto da resistência.

Quando o filme Força da mulher Pataxó foi reconhecido, e o meu projeto foi aprovado no Fund Willians Greaves, fui convidada a participar de várias *lives* para falar do projeto e também do filme, uma experiência ótima porque em plena pandemia a aprovação do projeto e as *lives* foram acontecimentos muito positivos e importantes, foi a oportunidade que nunca tive em levar a história do meu povo através do cinema para grandes universidades no Brasil e para fora do Brasil também.

Participei de um evento muito importante aqui no Brasil, o Mekrukadjá 2020, onde falei do protagonismo da mulher indígena no cinema, surgindo aqui uma nova forma de olhar e respeitar as mulheres indígenas, participei de um outro evento da Associação Nacional de História, Anpuh 2021, onde falei do protagonismo da mulher e dei uma aula de história indígena para muitas pessoas que não conhecem nada da nossa realidade, pessoas que infelizmente em pleno século XXI estão paradas no tempo.

1- CONTEXTUALIZANDO A ALDEIA BARRA VELHA

A aldeia Mãe Barra Velha fica localizada no extremo sul da Bahia, no município de Porto Seguro, entre os rios Caraíva e Corumbau. Recebeu esse nome, de Aldeia Mãe, por ser a mais antiga aldeia do Povo Pataxó, é marcada pela existência de três grandes famílias principais, são elas: Braz, Santana e Ferreira.

Antes de demarcar o Território Indígena de Barra Velha, o povo Pataxó sofreu uma emboscada, planejada certamente pelo governo, já que na visão deles não damos lucros financeiros e não nos adequamos aos modos de vida e aos controles do governo, sempre fomos vítimas de tentativa de genocídio, isto é, o extermínio sistemático do nosso povo, como no episódio que aconteceu e ficou conhecido como o "fogo de 51".

Por causa dessa tentativa de massacre, houve a última grande dispersão do povo Pataxó. Muitos de nós, tivemos que nos afastar de Barra Velha construindo outras aldeias sendo elas: Imbiriba, Boca da Mata, Meio da Mata, Águas Belas, Coroa Vermelha, Trevo do Parque, Mata Medonha, Corumbauzinho, Aldeia Velha, Guaxuma, Aldeia Nova, Pé do Monte, Cahy, Alegria nova, Tibá, Pequi e Craveiro. Sendo elas, distribuídas nos municípios de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália. Anos depois alguns Pataxó decidiram migrar para o estado de Minas Gerais, em Itapecerica e município de Araçuaí, Carmésia, Açucena, outras aldeias Pataxó (GRUNEWALD, 2008).

Sobre o referido ataque ao povo Pataxó, Agostinho (1972) afirma que o capitão Pataxó Honório Borges fez uma viagem para a cidade do Rio de Janeiro, em 1949, na qual foi pedir ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI) que fossem tomadas medidas contra a invasão da terra Pataxó na Barra Velha. O autor afirma

que o capitão Honório conseguiu uma conversa com o Marechal Rondon, o qual garantiu que o órgão indigenista tomaria as atitudes cabíveis naquele caso de invasão. Quando Honório retornou à Bahia para a aldeia, dois homens que ele conheceu no Rio de Janeiro (que se identificavam como tenente e engenheiro) realizaram um assalto em um estabelecimento comercial na vila de Corumbau. O assalto desencadeou a insatisfação de populares daquele vilarejo e, as polícias de Porto Seguro e Prado mobilizaram uma violenta operação contra os indígenas da aldeia Barra Velha, pois pensavam que os assaltantes eram Pataxó (AGOSTINHO, 1972, p.62).

Entre as consequências desse ataque, ocorreu que no período entre o ano de 1951 até a década de 1960, o povo Pataxó passou a ser monitorado pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), com a proibição de fazer roças e caçar. São muitos os relatos de abuso de autoridade sobre o povo Pataxó após o "massacre de 51". Sofremos principalmente com a perseguição dos policiais que ficavam procurando os que tinham conseguido fugir para dentro das matas. Estes conseguiram sobreviver pegando piaçava durante a noite sem que os guardas os vissem, porque certamente seriam apanhados e maltratados, e levavam a produção durante a madrugada para vender em Caraíva, um vilarejo que fica a 6 km da aldeia Barra Velha. Na década de 1970, o território de Barra Velha foi ampliado, por conta da intervenção da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), dando aos indígenas direito sobre o território.

Depois de tanta luta e persistência do povo pela garantia do território, no dia 20 de julho de 1988, o governo homologou 8.627 hectares no entorno de Barra Velha, como área de posse imemorial indígena Barra Velha. Em dezembro de 1991, por meio do Decreto 396, a Presidência da República homologou e demarcou o território de Barra Velha.

No ano de 1951 houve grande massacre do meu povo nessa região, conhecido como fogo de 51, fato que provocou a diáspora do povo Pataxó, que atualmente está distribuído nos estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, totalizando 36 aldeias.

A dispersão e a criação de outras aldeias em outros lugares fizeram com que alguns costumes fossem alterados, como alguns tipos de alimentação, algumas formas de tratamento entre si, o formato das casas e formas de tratamento entre as pessoas no cotidiano da aldeia, entre outros. Junto dessas mudanças, os ritmos das músicas e até a forma de dançar também se modificaram.



Arte: Juari Pataxó, 2013.

Os saberes que cada um dos anciãos nos tem passado na aldeia não têm como objetivo serem escritos, descritos e registrados, pois a maneira como lidamos com esses conhecimentos é por meio da transmissão oral. Esses conhecimentos são guardados na memória, para que, no momento certo ou adequado, sejam ensinados e repassados, como acontece em rituais como o Awê. Durante a roda de ritual do Awê, que acontece periodicamente na aldeia, sempre um dos anciãos ou até mesmo algum jovem fala sobre suas experiências como indígena, sobre lutas e conquistas.

Atualmente a aldeia Barra Velha mantém uma rica vegetação, composta por mata atlântica, restingas, muçunungas, alagados e mangues, sendo que a maior parte da mata atlântica fica na área do Parque Nacional do Monte Pascoal, que também é terra indígena Pataxó. Considero que moro num pedaço do Paraíso na terra, porque Niamissu (Deus) deixou tudo que precisamos aqui para viver bem, a terra é boa para o plantio, além de ter mangue, florestas e o mar de águas cristalinas, onde podemos buscar o nosso alimento e nos divertir diariamente. A

aldeia é administrada por um cacique, sua comissão de lideranças e um chefe de posto da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

As pessoas que moram na aldeia são muito acolhedoras, e apesar de ser um dos primeiros povos que recebeu o impacto direto do processo de invasão e colonização portuguesa e sua continuidade brutal, não perdeu os modos de cuidados com o próximo.

Na atualidade, os moradores da aldeia Barra Velha sobrevivem da produção e comercialização do artesanato, da agricultura e da pesca. Algumas famílias sobrevivem do trabalho prestado aos órgãos públicos, e alguns realizam comércio de produtos alimentícios e de higiene em pequenos estabelecimentos dentro da aldeia.

A partir da minha própria experiência, percebo que as crianças são felizes ao brincar nos espaços da aldeia. Elas têm o privilégio de viver em um ambiente livre nas praias, nas lagoas, nas árvores e em toda aldeia, onde as mulheres estão sempre a cuidar, de todos, inclusive.

De igual forma, os homens também têm seus afazeres, enquanto os anciãos são cuidados por todos, porque já cuidou tanto de todos que nessa fase tem que ser cuidado também.

Nos fins de semana sempre vejo famílias irem para o mar e mangue pegar alimentos, quando a lua é favorável, porque aqui as pessoas sempre plantam, ou buscam os alimentos pelo período da lua. Aprendemos dos mais velhos que ela é a guia para a maioria das atividades que fazemos, como plantar, colher, cortar o cabelo e na busca dos alimentos no mar e no mangue.

2- O ESPAÇO DA MULHER NA ALDEIA BARRA VELHA

Para iniciar esse tópico da pesquisa, quero retomar uma frase bem usada entre as mulheres indígenas contemporâneas: “lugar de mulher indígena é onde ela quiser”.

Atualmente a mulher tem buscado ocupar o espaço que ela quiser, mas nem sempre foi assim. Certamente que entre os diversos povos existem diferentes casos sobre o espaço que a mulher ocupa, mas de forma geral, sabemos que a mulher indígena é a maior vítima da política genocida que nossos povos têm

presenciado. A esse respeito, a escritora e intelectual Eliane Potiguara (2004) faz a seguinte análise:

Sobre as mulheres indígenas, a violação aos seus direitos humanos as tem conduzido às mãos de homens corruptos que as seduzem por um prato de comida, por programas, promessas eventuais que confundem o universo feminino, pois tais mulheres têm origem numa cosmovisão, valores, tradições totalmente diferentes do mundo urbano, envolvente e masculino. Tem sido o caso de algumas mulheres indígenas Yanomami/Roraima, que há mais de uma década são conduzidas à prostituição, ludibriadas por soldados ou comerciantes. Em 1996 um chefe indígena no Brasil Central passou por uma situação muito humilhante entre os parentes de seu povo. Sua esposa partiu com um comerciante local, estranho à sua etnia. As mulheres indígenas em suas comunidades realmente são iludidas pelo encantamento e pelas condições da sociedade envolvente, haja vista centenas e centenas delas saírem de suas casas para a insegurança das cidades próximas ou das grandes cidades. Isso constitui tráfico de mulheres. (POTIGUARA, 2018, p.29/30)

Do ponto de vista da atitude pessoal, existem mulheres indígenas de pulso firme, que tem sua própria opinião e age com independência e autonomia, sem deixar que a opinião alheia interfira em suas ideias e projetos, mantendo respeito com a coletividade e com a ancestralidade. Mas tem casos também em que a mulher é totalmente dependente do homem, e por muitas vezes vive uma vida de obrigações e sem outra alternativa. Como exemplos, deste último caso, cito os antigos casamentos realizados forçadamente, mesmo sem o consentimento das duas pessoas envolvidas.

Na aldeia Barra Velha, algumas pessoas mais velhas narram histórias em que os pais faziam as filhas ou filhos, entre 12 a 14 anos, se casarem, apenas por estabelecerem relações de aproximação para conversas. Muitas vezes o casal nem se conhecia e eram obrigados a casar por vontade dos pais, que viam no casamento uma viabilidade de garantir a sobrevivência, especialmente para as filhas. Frequentemente, estes casamentos arranjados não davam certo, sendo que os casamentos entre parentes que se gostavam eram duradouros e de estabelecimento de relações respeitáveis e sadias.

É importante ressaltar que esta forma de tratar a mulher não é originariamente da cultura indígena. Mas no contato com o colonizador, esse homem adquiriu os vícios dos estrangeiros. É uma forma machista de tratamento com as mulheres que foi imposta e se impregnou nas comunidades indígenas, de tal forma que:

Hoje, os povos indígenas trazem marcas dessa colonização e da neocolonização também imposta, por isso precisamos reconstruir o gênero entre os povos indígenas e reconstruir nossas histórias (POTIGUARA, 2018, p. 99).

No decorrer da história, os não-indígenas invadiam/invadem a aldeia para realizar ações criminosas contra mulheres. A esse respeito, Potiguara (2018) narra uma história que ela ouviu de uma mulher Potiguara no ano de 1989:

A menina-moça estava em casa sozinha, entrou um colonizador local inescrupuloso nos anos de 1940, a violentou sexualmente e fugiu...O desastre à mente daquela criança foi tamanho que o universo cultural foi completamente confundido, tornando-a uma criança-mulher-velha maltrapilha e louca! Quantas histórias dessa natureza teremos? (POTIGUARA, 2004, p. 44)

Infelizmente, nós Pataxó, conhecemos histórias semelhantes à narrativa acima. Entre elas, a trágica história do fogo de 51, quando a aldeia Barra Velha foi violentamente invadida por estranhos, no ano de 1951. Entre torturas, maus tratos, saques e fogo ateado na aldeia, há relatos de estupros de mulheres Pataxó:

Em Caraíva, os índios presos foram levados o Sobradinho, uma antiga fazenda na beira do rio, onde apanharam muito, foram alvo de brincadeiras estúpidas, as moças mais bonitas ganhavam sabonete para se banharem e depois “era feito de tudo com elas” e depois ainda humilhavam os homens. “Uma índia muito bonita chamada Luciana, prima do Manoel Santana, sofreu na mão de todos (...)” (GRUNEWALD, 2008, p. 138/139)

De todo modo, a situação das mulheres Pataxó nos dias atuais tem mudado paulatinamente. Após a construção da estrada que dá acesso à aldeia e com a instalação da energia elétrica, os hábitos mudaram bastante na aldeia e as mulheres avançaram em suas conquistas.

Os mais velhos da aldeia dizem que a chegada das tecnologias modernas e a construção da estrada que dá acesso à aldeia mudaram consideravelmente as relações sociais na localidade. Antes da existência da atual estrada de acesso, a chegada na aldeia era difícil, pois o único meio de transporte era por barco, pelo mar, ou por helicóptero. Outra alternativa era ir de carro até um lugar conhecido por Cabrinha, que fica a 8 quilômetros da aldeia e ir caminhando o restante do percurso, passando por uma lagoa, conhecida como lagoa grande, que era a maior parte do caminho até chegar à aldeia.

Antes da construção da estrada de acesso à aldeia, o modo de vida era baseado na pesca, plantios, coletas de frutos na mata e mariscos no mangue, sendo que todas essas atividades eram realizadas com base no conhecimento e com a colaboração da mão de obra da mulher Pataxó, que além de cuidar dos afazeres em casa e dos filhos, ainda arrumava tempo para ir ao mangue, plantar, pescar, juntamente com o marido. Tinham uma vida saudável comparada às de hoje, porque a alimentação era baseada no que a natureza oferecia. A falta de acesso da estrada fez com que demorasse algumas coisas chegar na comunidade.

Mas naquele tempo as dificuldades eram outras, por exemplo, em relação à saúde, quando acontecia algum problema grave e que não se resolvia na aldeia, não tinha como levar as pessoas que necessitavam de atendimento emergencial para se tratar na cidade e não tinha uma escola que atendesse as necessidades das crianças. No entanto, o tratamento das pessoas umas com as outras era de mais respeito, ouço sempre as anciãs mais vividas dizerem: se fosse no meu tempo não acontecia essas coisas!

Por exemplo, a criança interromper um adulto durante a fala, dizem que os castigos e a educação que davam eram severas e as crianças eram obedientes, o que não ocorre hoje acredito que muito pela grande influência do mau uso das redes sociais, que antes não tinha e hoje tem acesso fácil, sendo assim, as lutas e as dificuldades da atualidade são outras.

Depois da construção da estrada e com a chegada da luz elétrica e outras tecnologias nas aldeias, a mulher indígena continuou realizando todas as funções que anteriormente realizava, e passou a ter a oportunidade de estudar e fazer cursos, ocupando paulatinamente o lugar de liderança ao lado do homem. Desta maneira, passou a ter mais abertura para que as mulheres Pataxó tivessem formação acadêmica, aumentando, ao mesmo tempo, a sua participação na vida política e social de forma mais ativa, dentro e fora da comunidade.

Na atualidade, a mulher na aldeia Barra Velha ocupa espaços diversos, tendo mulheres com formação de professoras, auxiliares de enfermagem, garis, vice diretora na escola, cineastas, pajés e de outras profissões, sendo que as mesmas continuam assumindo o papel de mães e de cuidadoras das tradições, que é a melhor das atividades, que une um pouco de todas as profissões juntas.

Para ocupar esses espaços na aldeia e fora dela não foi fácil, porque a submissão fazia parte da vida da mulher Pataxó, mas foi através da luta de algumas mulheres que não aceitaram a submissão, que lutaram pelos seus sonhos, que conseguimos romper com a ideia de que a mulher tem que ficar somente em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos.

As mudanças evidenciadas entre as mulheres Pataxó na aldeia Barra Velha não desestruturou as tradicionais formas de ação das mulheres. Manteve-se o trabalho das mulheres na roça, plantando, colhendo, fazendo farinha, beju, além de sua fundamental presença nos rituais do Awê com cantos e danças, entre outras atividades. Tem mulheres marisqueiras, que continuam indo ao mangue e à praia pegar os mariscos. Tem mulher pajé que cuida das pessoas, faz remédio e reza,

tem a mulher que participa das decisões e das lutas dentro e fora da aldeia, tem mulher professora, tem a mulher que cuida da saúde dental, tem a mulher enfermeira, enfim, as mulheres foram ocupando os diversos lugares e funções estratégicas.

A mulher Pataxó é guardiã de saberes milenares, além de obter consigo outros conhecimentos do mundo moderno, por esse motivo e por outros, elas devem ser lembradas e respeitadas como guerreiras. Nos diversos aspectos da vida comunitária, há as que se destacam mais em determinadas funções e habilidades, de modo que a vida em comunidade requer que as mulheres estejam envolvidas com as questões comunitárias, e mesmo se não puderem estar à frente das lutas, estarão do lado, dando conselhos, orientações. Muitas delas preferem não sair da aldeia para acompanhar as movimentações do povo, preferindo ficar na comunidade cuidando da base, que é a família, de tal maneira, que todas as pessoas que saírem do território, sairão com a certeza de que terão um lugar aprazível quando voltarem, porque as mulheres que ficarem cuidarão da aldeia.

Como vivemos em tempos e espaços diferentes, tem momentos que vou no passado, mas que retorno no presente para dizer que as lutas e dificuldades existiram e existem ainda hoje, mas de forma diferente e como nascemos em tempos diferentes, pode ser que o que é bom para mim, não é bom para uma anciã que nasceu há 50 anos, e viceversa. Só posso afirmar que muita coisa mudou sim, cada um poder escolher o caminho que julgar ser melhor, que as tecnologias e mudanças que aconteceram aqui mudaram muito o modo de vida social, cultural do povo. Tudo isso interfere no comportamento e nas escolhas dos jovens, porque não podemos ficar comparando os comportamentos se nascemos em gerações diferentes. Tudo tem o lado positivo e negativo, isso é claro se formos comparar um ancião e um jovem hoje a partir das suas experiências de vida.



Fotografia: Alessandro Santos, 2014.

A fotografia acima retrata a bebida feita de mandioca - o *kawĩ* - produzida pelas *jokana* (mulheres) na aldeia Barra Velha. Existe uma ciência para a produção, conhecida só pelas mulheres, para o *kawĩ* sair no ponto para ser ingerido durante o ritual do Awê.

As afirmativas acima, sobre as mulheres Pataxó, podem ser observadas a partir das memórias de algumas guerreiras Pataxó. Uma liderança mulher, destacada na aldeia Barra Velha, foi dona Josefa Ferreira, que fez parte da conquista do nosso território originário. Segundo a narrativa de dona Maria Coruja, outra anciã de grande valor na luta pelo território e no processo de revitalização das nossas tradições:

A dona Josefa Ferreira era a mulher mais reconhecida na questão da luta territorial. Quando o pessoal quis retirar o meu povo Pataxó dessa região onde vivemos hoje, para um outro lugar, entre as várias lideranças que estavam presentes no momento, estava ela (dona Josefa), que teve pulso firme e disse: “se vocês quiserem ir podem ir, mas eu não vou”. E tendo falado isso os outros então decidiram ficar, estamos aqui até hoje. Ela morreu, mas deixou um exemplo de luta para nosso povo.

Dona Maria coruja, que também foi e é uma liderança fundamental na conquista do território Barra Velha, relata muitos fatos ocorridos durante a retomada do território, quando ela atuava junto com dona Josefa, sendo que as

duas são exemplos de guerreiras que ensinam e inspiram o povo Pataxó até hoje. Dona Coruja é considerada por todo o povo Pataxó como uma biblioteca viva.

Sobre a luta das mulheres Pataxó na conquista do território, dona Maria Coruja conta da seguinte forma:

Esse é um fato muito importante, a conquista do território, que foi marcada pela presença da mulher nesse espaço de luta de frente, porque a mulher sempre participou nesse processo, mais na base, enquanto os homens saíam, elas ficavam em casa cuidando da casa, dos filhos e da aldeia e de todos os outros afazeres dentro da comunidade. A partir daí outras mulheres lideranças começou fazer a caminhada ao lado dos homens para reivindicar os direitos territoriais, e após a conquista desse território, começou a luta pelos outros direitos: educação, saúde, saneamento básico...etc.

Acredito que as mulheres Pataxó são as que têm o maior conhecimento no meio do nosso povo, porque praticamente tudo que é feito nas nossas comunidades tem a participação e a opinião delas, diretamente ou indiretamente, seja nas reuniões comunitárias ou nas conversas nos espaços privados da aldeia. Tal assertiva não pressupõe que as mulheres Pataxó estejam livres da opressão e dos preconceitos nas aldeias.

Obviamente que a situação das mulheres, em suas diversas dimensões, não está resolvida, pois como em qualquer outro povo, a mulher Pataxó é ouvida somente depois de muita insistência e embates. A esse respeito, Potiguara (2018) lembra de um exemplo que vem a calhar nas análises aqui realizadas:

No Encontro em Altamira, a guerreira Tuíra apontou o facão para um empresário como uma atitude de intimidá-lo... Em contrapartida, e sem intenção, um líder indígena me mandou ir para a cozinha e me ordenou que eu ficasse fora das Assembleias segurando os filhos no colo, inclusive o dele (...). (POTIGUARA, 2018, p. 50)

Conforme o depoimento de dona Maria Coruja, a mulher tem todo um cuidado em tudo que faz, por isso é um nome sagrado. Na aldeia Barra Velha, onde as relações entre os moradores são muito próximas e cordiais, o nome da mulher/mãe é o mais evocado no cotidiano. As crianças lembram da mãe o dia todo, e quando alguém da aldeia chega na casa de outra pessoa, sempre ela pergunta às crianças pela mulher/mãe (cadê sua mãe?).

A mesma entrevistada acima lembra que há uns 20 anos atrás as relações de proximidade entre as pessoas na aldeia era mais intensa, a ponto de todas as crianças pedirem bênção a todas as pessoas mais velhas da comunidade. Segundo

a depoente, essa relação acontecia especialmente no respeito à mãe/mulher, mas se expandia até entre os próprios irmãos dentro de casa, em que os mais novos pediam a benção aos mais velhos.

Dona Coruja conclui:

Hoje tem algumas pessoas que ainda têm esse costume, só que bem pouco. As mudanças aconteceram devido a muitas influências externas dentro da comunidade, uma delas foi a estrada que deu acesso a aldeia, porque antes o acesso era pelo mar ou por helicóptero. Após a estrada, a chegada da energia e acesso às tecnologias, com acesso a essas mudanças, muito dos costumes foram mudando também, as conversas em volta da fogueira para contar histórias e transmissão de conhecimento foi substituída por uma televisão, celular e internet, com isso os jovens foram adotando um outro tipo de cultura diferente da sua, uma cultura que muitas vezes é usada para se opor a uma outra. Com todo esse acesso a tanta informação muitas dessas práticas tradicionais não são mais praticadas, e os jovens começam também a ter um outro olhar sobre as boas maneiras de ser, sobre todas as coisas. Essas mudanças tem um lado positivo e negativo, as mudanças trouxeram essa dispersão dos hábitos e costumes, mas também deu possibilidade de ter uma casa melhor, acesso à informação em tempo real, acesso a uma geladeira para conservar os alimentos, acesso a um posto de saúde, a escola.

As mudanças estruturais citadas repercutiram também na vida das mulheres na aldeia. O acesso à educação escolar e ao sistema de saúde público, que foram implementados na aldeia na fase posterior à inauguração da estrada que liga a aldeia a outras localidades, provocaram mudanças positivas e negativas para a qualidade de vida das mulheres.

Sempre animada, dona Coruja lembra dos rituais antigos, das danças e cantos.

Entre um canto e outro, ela lembra um antigo canto à lua, proveniente dos rituais Pataxó. É uma música de saudação das fases da Lua, que segundo a entrevistada, era acompanhada de danças que faziam levantar poeira, que adentrava a noite e expressava a felicidade da comunidade através de “risadas e movimentos do corpo que parecia que todos ali estavam enfeitiçados pela lua”. Eis o canto:

Âgohó Hukab,ãtxuab, Hé hé
Âtxuabe Hé He
Âtxuab
Há há
(bis)

Tradução

lua nova vem cá,vamos
cantar e dançar juntos, No
terreiro da aldeia.

Aprendemos com as anciãs que quando cantamos e dançamos, nossos pés, pensamentos e todo o corpo entram em contato com a terra e com a intensidade da natureza, recebendo a força de Niamisû (nosso Ser Supremo).



Fotografia: Alessandro Santos, 2014.

Dona Jovelina Braz, outra entrevistada, narra suas memórias saudosas de outros tempos. Ela ressalta em seu depoimento sobre o papel de mãe:

Antigamente as mães acompanhavam com mais atenção a formação do corpo das crianças, principalmente a formação do corpo da criança/mulher, tendo os cuidados com o seu corpo, principalmente quando a menina sai da infância e entra na adolescência, porque tem toda uma preparação dos alimentos que a adolescente pode ou não pode comer, os chás que ela deve tomar para diminuir e regular o fluxo sanguíneo, as simpatias para definir a quantidade de dias que aquela menina/mulher vai ficar menstruada e definir os espaços onde ela pode ir ou não, quando estiver nesse período, entre outros cuidados.

Atualmente, com a criação da escola e do posto de saúde na aldeia, a mulher Pataxó recebe o acompanhamento médico durante toda a gestação, realiza consultas e exames especializados, não apenas durante a gravidez, mas também na fase posterior. Além dos cuidados médicos, a família e a comunidade também auxiliam as mulheres através dos conhecimentos tradicionais, mas em formatos bem diferentes. A esse respeito, a entrevistada acima citada dá o seguinte depoimento:

Antigamente a mulher grávida era acompanhada durante os nove meses por sua mãe, por parteiras tradicionais e pela família, que cuidavam até da alimentação, preparavam banhos e chás e ficavam vigiando o rigor do repouso que a mulher deve cumprir. A maioria das mulheres que passou por todo esse cuidado durante o resguardo, dificilmente sente algum tipo de problema. Hoje em dia a realidade é bem diferente, pois as mulheres atualmente, além de não cumprir o resguardo, tem a influência da má alimentação, porque antigamente a alimentação era saudável, era produzida por nós mesmos.

As questões levantadas pela entrevistada indicam um choque de realidade, a partir da implementação da estrada que dá acesso a aldeia Barra Velha e os demais sinais de modernidade que vieram em seguida, a instalação da escola, do posto de saúde, a energia elétrica, os aparelhos eletroeletrônicos e por último a internet e a telefonia celular. Quando provocadas sobre a realidade atual da aldeia, as anciãs lembram do antes e depois da chegada desses elementos citados, indicando os benefícios e os desafios colocados com a nova realidade, sendo que as tradicionais formas de tratar a saúde vêm sendo substituídas por novos hábitos médicos e hospitalares.

Ainda sobre esse tema, dona Sidimar Maria de Brito, em entrevistas lembra que:

Posso dizer com certeza que a saúde comunitária piorou muito com toda essa transformação. Por que eu falo isso? Antes, a base da alimentação do meu povo era caça, mariscos e coletas de vegetais, as pessoas chegavam a ter 110 anos e dificilmente reclamavam de sentir algum tipo de doença, e quando sentiam alguma coisa, as mulheres sabiam exatamente que remédio dar, que eram feitos com as ervas medicinais. Hoje, as crianças já nascem com problemas e são tantos tipos de doenças que só os remédios caseiros, banhos e chás não dão conta de fazer a cura. Isso tudo são consequências dessas mudanças, o acesso a um tipo de alimentação que não é saudável, que normalmente é de acesso barato, mas que o corpo e a saúde pagam um preço caro.

Diante dos diálogos com as anciãs Pataxó entrevistadas, ressalto que sou uma mulher Pataxó do período posterior às ações modernizadoras da aldeia Barra Velha, às quais as entrevistadas se reportam. Considero importante na produção

dessa pesquisa, dialogar com a minha própria experiência na aldeia e com experiências de outras mulheres mais velhas que eu, assim como as jovens mulheres, que vêm assumindo posturas políticas de relevância, a exemplo da fotografia abaixo, que retrata o momento do encontro de jovens Pataxó com a ativista paquistanesa Malala Yousafzai.



Fotografia: arquivo do CIMI, 2018.

Tive duas gestações e experiências totalmente diferentes. Minha filha, hoje com quatorze anos, foi uma gestação normal sem nenhum problema, foi um parto natural realizado em casa com uma parteira da aldeia, acompanhado pela minha mãe, por minha sogra e esposo. Tive todos os cuidados que a cultura Pataxó orienta, o resguardo completo. O segundo filho, hoje com nove anos, foi uma gravidez um pouco diferente, desde o início da gestação tiveram alguns problemas e o parto teve que ser cesáreo, onde tive um péssimo atendimento no hospital, além das fortes consequências daquele tipo de parto, em que a mulher fica impossibilitada de realizar ações simples durante algumas semanas, que seriam facilmente realizadas, caso fosse um parto normal.

Os dois partos colocam em xeque duas formas de conceber a mulher e o parto, pois no hospital a equipe médica orienta um tratamento bem diferente em relação aos cuidados realizados por uma parteira. No hospital a mulher tem que tomar banho gelado 18 horas após a realização do parto, enquanto que aos cuidados da parteira tradicional o banho gelado não pode acontecer em nenhuma hipótese, e a mulher só vai tomar banho um mês após a criança ter nascido.

Outra grande diferença nas orientações pós-parto é com relação à alimentação, pois enquanto no hospital são servidos alimentos industrializados e

mingaus que não sustentam. Já na aldeia, o primeiro alimento consumido pela mulher após o parto é um pirão reforçado de galinha caipira, pois as parteiras tradicionais dizem que a mulher tem que ser bem cuidada e seu corpo tem que estar fortalecido.

Diante de tantas tarefas cotidianas, que se tornam mais pesadas com a forma ríspida com que as mulheres Pataxó são tratadas nestes ambientes, é importante destacar o canto *Hamea Jôkana*, que é sempre entoado nos nossos rituais. É um canto dançado apenas pelas mulheres durante o ritual do *Awê*, retratando a força da mulher dentro da aldeia, sendo também como um símbolo de respeito às guerreiras que já se foram e que lutaram juntamente com os guerreiros em suas conquistas:

Hemea hemea jôkana

No tupawêy jôkana

3- MULHER PATAXÓ, CINEMA E PROTAGONISMO

Faço parte de um coletivo de cinema Pataxó, que é um espaço que busca dar visibilidade não só às mulheres Pataxó, mas à população indígena de modo geral. Entendemos que o cinema pode vir a ser uma forma de contar as nossas histórias com o nosso protagonismo, a partir do nosso ponto de vista, utilizando a lente de uma câmera, uma vez que a sociedade nacional e o cinema hegemônico silenciaram os nossos povos.

O coletivo de cineastas, do qual faço parte, iniciou suas atividades em 2017, com uma equipe de homens e mulheres Pataxó. Os esforços do grupo já resultaram na produção de dois filmes: “O Juacema, Terra do Povo Pataxó”, e “Nuhâtê Jokana Pataxi Imamakã” (A força da mulher Pataxó da Aldeia Barra Velha).

O segundo filme citado é específico sobre as vozes das mulheres Pataxó, produzido a partir de depoimentos por elas concedidos, convergindo com a perspectiva do tema da presente pesquisa. A narrativa do filme trata das lutas, conquistas, desafios e o modo de vida das mulheres Pataxó na comunidade, trazendo relatos sobre os preconceitos e discriminações contra elas dentro do território, seu envolvimento na preparação dos alimentos, na luta territorial e suas ações no campo espiritual, através dos benzimentos e da preparação de remédios para a cura dos enfermos.

Pensar na produção do audiovisual em diálogo com as realidades indígenas é pensá-lo como uma práxis. Neste sentido, é relevante a consideração de Cesar (2017) que percebe essa produção “como uma ação, uma prática viva, que, na interação com outras práticas da aldeia, torna-se capaz tanto de reativar a tradição, de permitir sua retomada, quanto de acolher e elaborar sua ressignificação” (p. 12).

Um aspecto fundamental na produção de audiovisuais protagonizados por indígenas é a inserção da mulher cineasta, que atua como atriz, como diretora e produtora, sendo que dependendo de cada povo, deve-se observar atentamente os hábitos, pois têm elementos que apenas as mulheres podem manipular, e em outros casos somente os homens são autorizados. Mesmo não ocupando os papéis principais, as mulheres atuam nas mais diversas funções, tendo que dividir o tempo de produção com o cuidado com os filhos, família e outros afazeres tipicamente das mulheres nas aldeias.

Outro aspecto que merece destaque é a apropriação da câmera, das técnicas e demais tecnologias necessárias para a produção de filmes e documentários. Esse foi um movimento necessário na luta por visibilidade e contra todo tipo de preconceito que recai sobre os nossos povos. Na posição de cineastas, deixamos de ser pessoas e grupos vistos na tela como estranhos, e passamos a montar nossas narrativas (ou contranarrativas) que fazem frente ao olhar que antes nos observava (ANDRE BRASIL, 2012).

O cineasta indígena Alberto Alvares, chama a atenção para algumas peculiaridades do cinema protagonizado por indígenas:

Por isso que o cinema Guarani quando se faz deve respeitar o tempo de cada personagem que vai ser gravado. (...) Percebo que, em muitas das vezes, os trabalhos realizados por não indígenas não respeitam o tempo dos mais velhos. Chegam na aldeia, querem filmar tudo, e no final acabam filmando nada. Em certas ocasiões, os mais velhos sentem-se pressionados a dar entrevistas, e acabam falando “qualquer coisa” para agradar os entrevistadores, deixarem eles livres de dar entrevistas. Para os mais velhos, não é suficiente falar da sabedoria, dos conhecimentos tradicionais, é preciso viver, acompanhar e observar essa sabedoria, para entender um pouco da dimensão do *Nhandereko* (ÁLVARES, 2018, p. 23).

O tempo de cada pessoa, de cada povo deve ser levado em consideração, sendo que essa categoria de audiovisual pressupõe trabalhar com a memória, com a produção de narrativas históricas em movimento, que se atualizam no presente. Nessa produção, todos os envolvidos aprendem, ensinam e se fortalecem na ancestralidade e no pertencimento.

A câmera e todas as demais tecnologias passam a ser parceiras no projeto de resistência, na valorização dos saberes e dos anciões indígenas, fontes dos saberes. A produção é coletiva, no sentido de ser a produção de narrativas e audiovisuais vinculados à identidade étnica.

Após as oficinas em 2017 e a finalização com o filme em 2019, continuei fazendo registros nos espaços da comunidade e observar esse espaço ocupado por nós mulheres, como mulher e como cineasta também, após a finalização com a exibição do filme na aldeia Mãe Barra Velha, onde algumas das personagens principais estavam presentes, tinha olhares para a tela que era uma mistura de alegria e muitos risos ao finalizar a sessão me levantei para fazer os agradecimentos a todos presentes e especialmente para elas que estavam ali.

Dona Neide e Bia em seguida, após a finalização e os agradecimentos, me chamaram para dizer que eu poderia ir na casa delas de novo e que iriam contar outras histórias. Falaram que gostaram muito e que era para continuarmos o trabalho porque assim ficaria registrado e que outras pessoas podiam conhecer as histórias.

Para mim, especificamente, foi um momento muito importante porque foi ali que pude presenciar a alegria no rosto daquelas mulheres ao se verem em uma tela e senti mais força em continuar esse novo percurso como cineasta após ficar muitos anos em sala de aula.

O filme começou a circular em outros espaços fora da aldeia e também em outras aldeias Pataxó, onde teve um resultado muito bom. A segunda mostra do filme foi na Reserva da Jaqueira onde estava sendo exibido também outros filmes de mulheres indígenas como o de Graciela Guarani que também estava presente na sessão, além dos membros da aldeia estavam professores e alunos da

UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia) de Porto Seguro e Teixeira de Freitas, assistindo a sessão. O debate foi de muito aprendizado e de trocas de conhecimentos porque os filmes passados na sessão eram de outros povos e tinham outras perspectivas e um outro olhar.



Foto: Sessão do filme na reserva da jaqueira.

O filme percorreu vários espaços educacionais, fizemos uma sessão na UFMG, na UFSB e está percorrendo até hoje em festivais Cine Curumim e em outros eventos de cinema.

O ano de 2021 foi muitas mudanças e renovações em minha vida, decidi no início do ano que não daria mais aulas na escola, que agora a atenção especial seria para o cinema, avisei toda a minha família da decisão, todos me apoiaram, inclusive meu esposo que ainda me disse que se era o que meu coração estava sentindo no momento, era o que esperava dele, então fui e informei a direção da escola da minha decisão. Disse, ainda, que iria sair do mesmo jeito que entrei e em uma reunião de início de ano letivo informei aos pais que não iria mais dar aula, que gostaria de um tempo para focar no meu trabalho de mestrado e focar mais no cinema.

Dez anos de trabalho na escola foi uma grande experiência. Falo isso porque quando cheguei em casa foi como tirar um peso tão grande das costas, eu sempre gostei de dar aulas, mas o sentimento foi como se tivesse saído de uma prisão. Hoje, costumo dizer que nesse tempo me dedicando apenas ao cinema, que da mesma forma que a escola me prendeu para muitas coisas que gostaria de fazer, o cinema me libertou e me encantou de tal forma que atualmente não me vejo fazer outra coisa a não ser os filmes e documentários. Vou ajudar meu povo da mesma forma de quando estava na escola, talvez até mais, porque como professora a dedicação é total e não sobra tempo para se conectar com outras ações. O cinema é o contrário, nos conectamos com um outro mundo, e hoje posso

contribuir até com os professores com matérias do audiovisual que servirão como material didático.

Quando iniciei a produção cinematográfica, muitas coisas mudaram, virei uma referência na minha aldeia, as pessoas já me procuram para filmar alguns movimentos. Ainda esse ano fui convidada para fazer parte do grupo de mulheres que tem na aldeia, que existe desde de 2017, e eu como professora não tinha tempo em fazer parte.

O grupo Xohã Imamakã (mulheres guerreiras) da minha aldeia, faz reuniões frequentes e as mulheres fazem muitos artesanatos, remédios, doces, pomadas, óleos, etc. Fazer parte desse grupo é um privilégio, pois além de participar das atividades, consigo registrar tudo.

Fiquei responsável por filmar na comunidade, comecei com um trabalho autônomo e participei de eventos onde pude fazer ótimas filmagens. Nesse processo de filmagem desde o início de 2021, a nossa família foi convidada a ir em uma viagem que daria início a muitas mudanças na nossa vida.

Ressalto que as experiências narradas abaixo convergem com os princípios do movimento indígena, expressos por Munduruku (2012) como a “[...] ultrapassagem das lideranças das suas próprias comunidades indígenas originárias em favor de suas próprias necessidades e dificuldades de sobrevivência [...]”. (MUNDURUKU, 2012, p. 46). De igual modo, referendo o autor no entendimento de que o movimento indígena tem um caráter educativo, o que será demonstrado mais adiante no texto.

Abaixo narrarei algumas experiências que tive no movimento indígena, demonstrando ao mesmo tempo o protagonismo da indígena mulher nas nossas mobilizações e conquistas.

3.1 A Viagem

No dia 18 de Junho de 2021, eu e minha família, Alessandro, Tanoãihã e Txayhe Nawe, saímos da aldeia Barra Velha com destino à Brasília capital do Brasil, estávamos com uma viagem marcada para dia 19 para o estado do Pará, juntamente com a família do Comando (amigo da minha família). Essa foi a segunda vez que eu estava indo à Brasília, meu esposo sempre vai, pois a sede do seu trabalho é em Brasília, e meus filhos estavam indo pela primeira vez. Estávamos muito ansiosos com a viagem. Saímos às 17 horas da aldeia, viajamos a noite toda e metade do outro dia, totalizando dezoito horas de viagem. Paramos algumas vezes para abastecer, lanchar e descansar um pouco, pois a viagem é longa, enquanto meus filhos a todo momento perguntavam se estávamos chegando.

Passamos por muitas cidades que não me recordo os nomes, mas que me chamaram bastante atenção pelas estruturas parecidas com cidades de filmes de faroeste, pareciam abandonadas. Comentei isso com meu esposo, enquanto meus

filhos dormiam no banco de trás da caminhonete, então ele disse que nós, indígenas, não éramos bem vistos naquelas cidades, já que as pessoas que ali moravam eram exploradoras de minérios em terras indígenas e encerramos a conversa ali.

Durante todo o trajeto vimos muitos animais mortos na estrada, provavelmente foram atropelados quando tentavam atravessar a rodovia, e como o fluxo de carros é muito intenso, acabam sendo vítimas. Pude observar, já chegando em Brasília, grandes plantações de soja e outras diversidades de plantas, e estruturas enormes em cada imensidão de plantação, imagino que sejam os galpões para guardar as sementes no período de colheita. As plantações sumiam de vista e em volta de cada galpão tinham alguns pés de eucalipto plantados, e era assim em praticamente toda a imensidão de plantações que vimos.

Como meu esposo vem com mais frequência para essa região, perguntei à ele se sabia porque existiam eucaliptos plantados somente em volta dos galpões, e ele me respondeu que é porque tem tempestade de ventos frequentes nessa região, e os proprietários usam dessa estratégia para proteger os galpões do vento e possíveis tempestades. Imagino que tenha lógica essa explicação e só fiquei a observar. Então ele destacou: “Para você ver, apenas uma pessoa é dona dessa imensidão de terra e ninguém fala nada, enquanto nós lutamos por um pedaço de terra e as pessoas falam que é muita terra para pouco índio! Apenas respondi: infelizmente é assim...”

Chegamos em Brasília no dia 19, por volta das 13 horas imaginando que ainda seguiríamos viagem. Procuramos um lugar para almoçar antes de ir ao encontro do nosso amigo, o Comando. Meu esposo mandou mensagem avisando que chegamos e ele disse para nós irmos para a casa dele, atendemos ao convite, mas ao chegarmos, vimos que já tinham outras pessoas lá e a casa. Então decidimos ficar em um hotel perto da casa e encontrá-lo no outro dia.

A noite fomos para o acampamento indígena Levante Pela Terra, que havia iniciado no dia 8 de junho. Fomos visitar os parentes que estavam lá.

3.2 O Acampamento

À noite no acampamento estavam reunidos milhares de parentes de diversas etnias, todos focados no objetivo de lutar pela garantia dos nossos direitos, contra o Projeto de Lei 490 e o Marco Temporal- que são duas frentes ruralistas que pretendem parar o processo de demarcação das terras indígenas e desmontar outros direitos já conquistados. Após andar no acampamento e conversar com alguns parentes, vimos as dificuldades dos nossos povos e decidimos que não íamos para o Pará, ficaríamos no acampamento com os parentes.

No dia seguinte saímos do hotel em direção à casa do Comando, mas ele tinha viajado. Então, como meu esposo estava prevendo, fomos para o acampamento, compramos uma barraca, acampamos e encontramos a tia irmã do

meu esposo que mora em São Paulo, e estava fazendo parte da organização do acampamento pela APIBARPINSUL.

Os dias no acampamento indígena foram momentos de grandes aprendizados para todos nós, principalmente para meus filhos que estavam vivenciando um acampamento de luta pela terra, onde estavam presentes lideranças de vários povos, entre anciãos, homens, mulheres e crianças, num intenso movimento de compartilhamento de experiências nos diálogos pessoais, nos debates coletivos e nas rodas de conversas durante a noite, à beira da fogueira quente do momento. Ali falávamos de histórias de lutas, vivências, conquistas, derrotas, desafios e fortalecimento do corpo e espírito, como experiências de vida para as novas gerações, e pude perceber o quanto é importante momentos como esses de aprendizados, principalmente para as crianças, pois acredito que estão aprendendo na luta e na prática. Não é uma história contada com os pés fora do chão, e sim histórias vivenciada por ela.

Vi e convivi momentos significativos durante treze dias no acampamento, mas o que me chamou bastante atenção e me deixou feliz foi a presença de muitas guerreiras anciãs na luta, assim como a presença de muitas crianças, são diferentes gerações lutando lado a lado, aprendendo e contribuindo nessa luta que é de todos nós, deixando evidente o caráter educativo do movimento indígena.

No acampamento, Tamikuã Pataxó me falou que nos primeiros dias as barracas eram improvisadas com lonas pretas e pedaços de bambu e que as primeiras pessoas que chegaram passaram muito frio, e enfrentaram uma situação de muitas dificuldades, mas que depois conseguiram banheiros químicos e chuveiros improvisados com apoiadores da causa indígena. Também conseguiram muitas doações de barracas de camping, cobertores, roupas de frio e cestas básicas.

Conheci uma guerreira Krenak de 71 anos, que nos contou muitas histórias de sua luta, e que ela é quem traz a família para a luta, filhos, noras e netos, pois entende a importância dessa transmissão de aprendizado na prática.

Durante o acampamento, amanhecíamos com a fogueira acesa, e ela permanecia assim o dia todo, com pessoas ao redor compartilhando histórias encantadoras e de resistência que nos fortalecia para os enfrentamentos contra o PL 490 e contra o marco temporal.

3.3 O Conflito

No dia 24 de junho saímos do acampamento em direção à Câmara dos Deputados, onde teria votação da PL 490 na Comissão de Constituição de Justiça, todos cantando e dançando em marcha pela pista. Ouvimos algumas pessoas no acampamento dizerem que nós, indígenas, somos os únicos povos que vão para a luta cantando e dançando, e pude entender isso na hora do movimento, porque apesar dos policiais estarem fortemente armados, nós sentimos a espiritualidade

nos cantos, assim como temos consciência de que nossos rituais podem fazer tudo pode mudar e ser reverter uma situação aparentemente perdida.

O movimento se deslocou em manifestação em direção ao local onde estava acontecendo a votação, sendo que dois dias antes tivemos nesse mesmo lugar e fizemos nosso ritual. Ao chegarmos lá, percebemos grades colocadas para deixar-nos distantes do local de votação, inclusive o local onde havíamos feito nosso ritual estava todo cercado por grades . Os parentes pediram para tirar as grades para realizarmos o nosso ritual na sombra daquela árvore, e eu estava filmando e percebi que as conversas ficaram tensas, quando chamei meus filhos para saírem de perto.

Na sequência estourou a primeira bomba perto de onde estávamos, saímos correndo, e eu com a câmera na mão, preocupada com meus filhos. Para mim foi uma sensação horrível, pois meu filho de 11 anos disse: Mãe, estamos numa guerra! Ele e a irmã, e eu também, já não conseguíamos respirar pois os policiais jogaram muitas bombas de gás lacrimogêneo, *sprays* de pimenta e balas de borracha. Estávamos em uma cena de guerra, quando passamos correndo, vimos muitas crianças e anciãos passando mal, mas eu estava mal também, sem condições de ajudar, e com muitas dificuldades chegamos atrás de um prédio, que fica em frente à câmara dos deputados.

Minha filha, Tanoãihã, precisou deitar-se no chão e quase sem respirar chorava muito, preocupada com o pai que tinha ficado lá onde tudo havia começado. Ele estava ajudando outros parentes que não conseguiam sair do fogo cruzado, provocado covardemente pela polícia.

Este foi um momento em que todos que estavam ali nunca esquecerão, foi um aprendizado para a vida. Quando meu esposo apareceu disse que ficou socorrendo um parente que depois de ter levado dois tiros de balas de borracha passou mal e precisou ser socorrido e teve algumas paradas cardíacas, enquanto meu esposo levou um tiro de borracha em uma das pernas.

Quando meu esposo chegou e percebemos que estávamos todos bem, nos afastamos dos conflitos, ajudamos algumas pessoas que passavam mal e verifiquei que minha câmera estava todo aquele tempo ligada, mas não consegui filmar as cenas conflitantes. Vimos chegar alguns deputados que apoiam a causa indígena e que discursaram sobre os esforços deles em barrar a PL 490 e o Marco Temporal.

Voltamos para o acampamento e entendemos que aquela foi uma tarde de aprendizados, e que deveríamos nos preparar para o dia seguinte, pois a votação continuaria, que parou devido ao conflito.

Pude observar que os parentes organizaram a resistência, pois o governo deixou claro que era uma guerra. Uns preparavam as flechas, bordunas e outros instrumentos. Algo me chamou atenção nas horas seguintes: todos faziam suas preparações espirituais, individualmente e coletivamente, sendo esta a mais forte de todas, pois tínhamos certeza que com ela podemos vencer qualquer batalha. É

na força do cantar e do dançar que nos arrepiamos e sentimos essa espiritualidade, alguns parentes cantaram e dançaram a noite toda, pedindo proteção e orientação aos encantados, porque esses sim fazem com que vençamos qualquer batalha e esta é a arma que nos protege de fato.

A noite foi tensa e intensa para todos nós, a maioria animada para o dia seguinte, meu filho observando tudo sempre muito atento, então disse: “minha mãe, amanhã eu não quero ir para guerra de novo, mas se a senhora for eu vou!”. Respondi: “amanhã a gente resolve!”. Ele foi dormir, mas como todos, pensando no dia seguinte, porque estavam todos apreensivos pelo ocorrido do dia, e na expectativa do que poderia acontecer no dia seguinte.

Nessa noite quase não consegui dormir, então tive um sonho ou foi uma visão, mas durante a noite eu vi uma senhora me chamar, a barraca ficou transparente e eu conseguia vê-la em pé na porta e disse para mim que já estava na hora de começar a acompanhar minha família nas viagens. Fiquei pensando nisso e ao abrir a porta da barraca, não tinha ninguém do lado de fora. Pela manhã, comentei com minha filha sobre o acontecido, depois falei com minha irmã, mas não falei nada para o meu esposo, acredito que foi um aviso do que estaria por vir, pois ele sempre viajava sozinho. Mas agora estaríamos juntos nas viagens.

No outro dia fomos encontrar o Comando, chefe de trabalho do meu esposo, que depois de ouvir as nossas narrativas sobre minhas experiências de cineastas e sobre os acontecimentos relacionados às nossas experiências no movimento indígena, me fez o convite em trabalhar com filmagem na empresa. Observei e nada respondi, ao passo que ele continuou: “né cumadre, você sabe que a gente é cumadre e Turymatã é cumpadre”, então eu respondi: “então é!”. Ele comprou alguns colares que tínhamos produzido e pediu que fôssemos um outro dia na empresa. Voltamos para o acampamento e ficamos lá até o final.

3.4 Continuação da Votação

Ao amanhecer do dia 25, ouvimos o canto das guerreiras Guarani que, desde quando chegamos ao acampamento até o final, nos deram forças com seus cantos de cura. Levantamos e os guerreiros já estavam se armando com suas respectivas pinturas corporais, representando a diversidade dos povos do Brasil. O almoço foi servido mais cedo para que estivéssemos mais uma vez na linha de luta na hora marcada, e o tempo todo meu filho perguntava se eu iria. Pensando em tudo que aconteceu no dia anterior com ele e minha filha, resolvi não ir, porque se eu fosse eles iriam, e literalmente nasceram grudados em mim. No entanto, Alessandro nos incentivou a ir, dizendo que nada atingiria a nós. Meu filho olhou para mim e disse que era melhor não irmos, mas se eu fosse ele iria também.

Já com o coração apertado eu resolvi que não iríamos e ficamos no acampamento pedindo proteção aos guerreiros que foram. A maioria das crianças ficou no acampamento, todo o pessoal foi antes do meio-dia. A todo momento a guerreira Krenak me perguntava se eu tinha notícias do pessoal na votação, eu olhava o celular e a acalmava dizendo que estava tudo bem até o momento.

Ficamos conversando, eu, ela, meus filhos e a nora dela, ela sempre muito otimista dizia: “vai dar tudo certo e não vai acontecer nada de ruim para os nossos guerreiros”.

Ela começou a contar suas histórias como de costume e de repente o telefone dela tocou. Era a sua neta dela informado que a votação teve início, mas foi suspensão, e tínhamos certeza que a suspensão era por conta das pressões que o movimento indígenas realizava pelo Brasil, fechando as BR's, além da manifestação em Brasília. Os parentes, após saber do adiamento da votação, continuaram com um ritual muito forte e chegaram no acampamento, já estava anoitecendo, e todos com a certeza de que foi com a força do ritual que conseguimos adiar essa votação, e com a certeza de que a nossa causa seria atendida.

Para mim foi uma sensação de alívio, porque meu coração de mãe ficou apertado desde o dia do confronto. Alguns parentes, após o jantar, começaram a arrumar as bagagens para viajar no amanhecer. Na manhã do dia 01 de julho de 2021, todos os parentes já estavam levantando o acampamento e voltando para as aldeias, mas pelo fato do carro que nos levou ter quebrado, tivemos que ficar em Brasília mais alguns dias.

Tínhamos a opção de ficar na sede da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais- CONAFER, onde meu esposo sempre fica quando vem, mas lá já estava cheio, pois estavam hospedados alguns parentes. Meu esposo ligou para alguns amigos indicarem algum hotel ou casa para alugar por 5 dias, que era o prazo para pegar o carro no conserto. Foi então que um dos amigos conseguiu um cômodo da casa dele para a gente ficar até o carro ficar pronto.

3.5 Na Casa do Silvio

Na espera pelo conserto do carro ficamos na casa do silvio por 15 dias, foram bons momentos, fomos na empresa em que meu marido trabalha e lá o Comando fez o convite formal para eu fazer um trabalho de filmagens, como eu estava fazendo um trabalho autônomo, aceitei o convite, pois seria a continuidade do trabalho, com a diferença de que agora eu seria remunerada, nesse mesmo convite ele disse que eu poderia chamar mais três pessoas para trabalhar comigo, então convidei as mulheres que fizeram a oficina de audiovisual junto comigo, acredito que era o nosso tempo, elas também aceitaram na hora, e a partir desse trabalho criamos o Coletivo Pinapõ Upâ Jokana Pataxó (olhar da mulher Pataxó). Um coletivo só de mulheres com o objetivo de registrar todos os eventos e movimentos a partir do nosso ponto de vista.

Retornamos para a aldeia e a equipe de mulheres cineastas entrou em ação, e com muito empenho já fizemos e entregamos algumas edições para a empresa. Em agosto de 2021 voltamos para Brasília, para mais um acampamento indígena contra o marco temporal, e já ficamos para a Segunda Marcha de mulheres indígenas no Brasil. Filmei todo o evento, com a ajuda, mais uma vez, da amiga

Mary Corrêa, que pagou nossa passagem e alimentação. Deu tudo certo, participamos dos movimentos, filmamos e aprendemos juntos, e como me veio em sonho agora estamos viajando em família, e nessa caminhada minha filha nos acompanha como jovem aprendiz pela CONAFER.

Em outubro de 2021 estivemos em Minas Gerais, na aldeia Muãmimãtxi, fazendo um trabalho de filmagens com Kanatyo Pataxó e Liça Pataxó, grandes lideranças do povo Pataxó de Minas Gerais. Meu trabalho de cineasta indígena não parou nenhum momento e a cada dia eu aprendo mais, e cada dia que passa eu mergulho nesse mundo de libertação que o cinema indígena proporciona.

Abaixo, exponho algumas imagens que expressam a força das mulheres cineastas e ativistas, e representam momentos relevantes da luta por visibilidade e direitos.

Foto1: Primeira live após aprovada no fundo Willians Greaves Fund, em 2019.



Foto 2: Participação no Projeto Mekrukadjá (Itau Cultural), 2020.



Foto 3: Live sobre o filme A Força da Mulher Pataxó, 2020.



Foto 4: Durante as filmagens em homenagem aos mártires Tupinambá, 2019. Com a Cacica Valdelice Tupinambá.



Foto 5: Na aldeia Serra do Padeiro momentos, durante as filmagens com as lideranças femininas, 2019.



Foto 6: Momento da primeira orientação do mestrado, com o professor Edson Kayapó e sua esposa, Aline Kayapó.



Foto 7: Durante a aula em uma turma de Eja, na cidade de Porto Seguro, onde falamos sobre o protagonismo indígena nesta região.



Foto 8: Benzimento, porque cuidar do lado espiritual faz parte da luta feminina, com a benzendeira Leide.



Foto 9: Encontro do grupo de mulheres Imamakã Xohã, na aldeia Barra Velha.



Foto 10: Momentos de lazer da família Pataxó, na lagoa de fora.



Fotos 11 e 12: Momentos históricos da compra de equipamentos para a continuidade do meu trabalho de cineasta indígena, 2020.



Fotos 13 e 14: Momentos no movimento levante pela terra em Brasília, 2021.



Fotos 15, 16 e 17: Movimento em Brasília, na luta pela vida, 2021.





Fotos 18 e 19: No movimento Luta pela Vida, momento em que fomos covardemente agredidos pela polícia. Na primeira imagem meu filho, Txayhe Nawe, na seguinte minha filha, Tanoãiha.



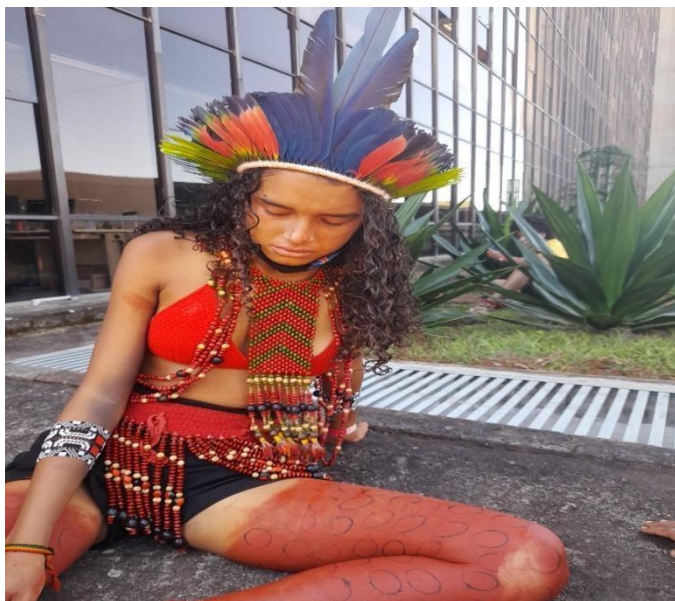


Foto 20: Momento da fala da deputada Joênia Wapichana, contestando a covardia dos policiais contra a manifestação indígena.



Foto 21: Vestígios da bala de borracha na perna do meu esposo, durante o confronto com a polícia.



Foto 22: Coletivo Pinapõ Upâ Jokana Pataxó, em reunião com a comunidade e Cacique Surui, informando sobre os trabalhos a serem desenvolvidos na aldeia Barra Velha.



Foto 23: Mostra das filmagens que fiz, durante as ações dos movimentos em Brasília.



Foto 24: O coletivo no processo de edição das curtas produzidas.



Foto 25: Oficina que participei em uma escola em Belo Horizonte, 2019.



Foto 26: Oficina de audiovisual na aldeia Barra Velha, 2018.



Foto 27: Acompanhamento dos estudantes da UFMG, como monitores do programa Pibid.



Foto 28 e 29: Durante a I Marcha de mulheres indígenas no Brasil, 2019.



Foto 30: Momento da minha formatura de graduação- UFMG 2013.



Foto 31: Mostra de cinema em Ouro Preto, 2019.



Foto 32: Oficina sobre o cinema indígena na UNEB-Eunápolis 2019.

V ENCONTRO ESTADUAL DE ENSINO DE HISTÓRIA | ANPUH - BA
 NARRATIVAS EM DISPUTA:
 USOS DO CONHECIMENTO HISTÓRICO
 28 A 30 DE OUTUBRO 2019
 UNEB OCHT CAMPUS XVIII EUNÁPOLIS

**OF05: Saberes, tradições e memórias:
 oralidades do extremo sul baiano no
 audiovisual e o uso em sala de aula**

André Lima / Jairo Viana / Vanuzia Vieira
 Mestrandos PPGER - UFSB/CSC

A oficina possibilitará elencar saberes, tradições e memórias,
 dialogando sobre a importância desses elementos para se
 trabalhar a pluralidade cultural do extremo sul baiano em
 sala de aula por meio de recursos audiovisuais.

Data: 29/10
Local: UNEB/Eunápolis
Horário: das 9:00 às 12:00
Carga Horária: 3hs

informações e inscrições:
www.ensinodehistoria2019.bahia.anpuh.org

Evento com certificação

Foto 33: Incêndio no centro cultural da aldeia Barra Velha.



Foto 34: Participação de seminário no PPGER-UFSB.



Foto 35: Momentos com a Sônia Guajajara em Salvador, quando ainda era a Candidata a vice Presidência do Brasil.



Foto 36: Manifesto no movimento luta pela vida, Brasília 2021.



Foto 37, 38 e 39: II Marcha de mulheres indígenas no Brasil, 2021.





Foto 40: Momentos de trabalhos coletivos na comunidade, preparação do beju para o ritual dawê Maiõ ixê.



3.5 Movimento indígena, formação e cinema

Refletindo sobre as experiências acima narradas com palavras e imagens, e a partir da minha vivência na aldeia, e particularmente do meu envolvimento nas ações do movimento indígena, considero que minhas atividades de cineastas estão qualificadas para colaborar na valorização do pertencimento e nos aspectos sociolinguísticos do meu povo. Busco realizar um panorama geral do cotidiano Pataxó na aldeia Barra Velha, com foco nas atividades das mulheres, mas ao abrir o foco é possível perceber outras pessoas, grupos sociais e diversos aspectos das tradições do meu povo.

Portanto, a pesquisa utiliza relatos e depoimentos de mulheres Pataxó da aldeia Barra Velha, que ocupam diferentes funções na comunidade. As filmagens passarão por um processo de editoração, de tal maneira que o documentário produzido, que será o produto final da pesquisa, abordará questões vinculadas às lutas e desafios enfrentados pelas mulheres na aldeia e seus desdobramentos fora da aldeia.

O documentário terá duração de trinta minutos e será disponibilizado para o público, em um link no youtube. Todas as pessoas interessadas terão acesso, mas o objetivo é alcançar prioritariamente as mulheres Pataxó, as mulheres indígenas de outros povos, as escolas indígenas e as escolas não indígenas, visando colaborar com a implementação da educação escolar indígena diferenciada e com a efetivação da lei 11645/08, que estabelece a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas nacionais.

4- PRODUTO FINAL

Partindo do pressuposto de que as mulheres Pataxó da aldeia Barra Velha estão avançando na luta contra a opressão e contra todo tipo de preconceito e estigma, tanto aqueles vinculados ao pertencimento étnico quanto os referentes ao mundo feminino, e entendendo sobre a importância das mulheres na manutenção dos valores tradicionais do nosso povo, apresento a proposta de criação de um produto final resultante da minha pesquisa do mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB.

Trata-se da produção de um documentário intitulado “Memórias e histórias das guerreiras Pataxó de Barra Velha”, que será todo protagonizado por mulheres Pataxó da aldeia, tanto em termos de produção quanto em relação às personagens protagonistas. O documentário tem duração de 22 minutos, com depoimentos de anciãs, parteiras, curandeiras, benzedeiras e lideranças da nossa comunidade, que abordam sobre a presença e a importância da mulher no cotidiano da aldeia.

O documentário que será dirigido por mim, será disponibilizado ao público geral, através de um link no youtube, que poderá ser acessado gratuitamente.

Espera-se que o produto final colabore nos debates sobre o tema mulher indígena, sua presença na sociedade, um debate especialmente necessário nas escolas indígenas e não-indígenas, visando desnaturalizar preconceitos e trazer as mulheres indígenas para dentro da história.

4.1 O documentário

Intitulado "O Protagonismo da Mulher Pataxó da Aldeia Barra Velha", o documentário inicia com um canto Pataxó da aldeia Mãe, da autoria de Lucas Pataxó, na voz de Caamini Braz, uma jovem líder do povo:

Awêy Tupã;
Awêry niamissu;
A nossa força vem da mata;
E juntos somos um;
Com meu maracá;
Eu vou cantando para a floresta;
Agradecendo os Naô;
E saudando a mãe terra.

Na sequência, aparece a imagem de uma grande guerreira e benzendeira, Dona Leide, mulher responsável pela cura de vários tipos de doença carnal e espiritual, uma mulher muito procurada pelas pessoas da aldeia e pessoas de fora da aldeia, inclusive por turistas de diversos lugares.

A próxima personagem do documentário é uma jovem auxiliar de odontologia, Taícia Pataxó, que fala sobre a chegada da vacina contra o Covid-19 na aldeia, e a importância desse medicamento para as comunidades indígenas em tempos de pandemia.

Em seguida, uma das guerreiras mais experientes do nosso povo, Dona Maria Coruja, faz o seu depoimento. Hoje 84 anos e muita história e ensinamentos, a anciã narra sobre a sua história e as histórias e saberes do povo Pataxó, orientando o nosso povo a continuar a luta dos nossos antepassados.

A personagem seguinte é a vice cacica da aldeia, Erilza (Uruba Pataxó). A participação da cacica se deu no momento em que os funcionários da Prefeitura de Porto Seguro vieram fazer a retirada dos parentes indígenas que comercializavam artesanatos à beira do rio Caraíva, sob o argumento de que as barracas de artesanato provocam a poluição. No momento daquela ação desrespeitosa, os agentes da prefeitura são questionados por várias pessoas, inclusive pela vice cacica Uruba, que como uma grande guerreira indígena expõe os erros daquela ação repressiva e cita inúmeras irregularidades cometidas em Caraíva e a prefeitura simplesmente finge que não vê.

O último trecho do documentário retrata momentos tensos que eu, minha família e muitos parentes indígenas vivenciamos no dia 24 de junho de 2021, quando fomos covardemente agredidos com spray de pimenta, gás lacrimogêneo e balas de borracha em Brasília, quando o movimento indígena se manifestava pacificamente contra as políticas anti-indígenas projetadas pelo grupo ruralista.

O documentário é finalizado com o mesmo canto entoado na abertura, pois acredito que o canto é umas das ferramentas mais importantes na luta por nossos

territórios originários e na organização das nossas resistências, que duram mais de 521 anos.

Trago essas guerreiras representando todas as outras que entrevistei, mas que não estão presentes no documentário, ainda que estejam presentes nas narrativas escritas desse trabalho. Todo o trabalho foi feito com muita dedicação e amor por esse povo que me orgulho de fazer parte, especialmente as mulheres do meu povo, que são grande referência na minha formação como mulher Pataxó.

5- CONSIDERAÇÕES GERAIS

A sociedade brasileira precisa se sensibilizar ou ser sensibilizada sobre a realidade contemporânea dos povos indígenas, especialmente sobre as mulheres indígenas. Buscar conhecer mais as histórias desses povos, suas diversidades, rompendo com os velhos discursos presentes racistas presentes nos livros didáticos, que apresentam uma história parada no tempo, repleta de preconceitos, estereótipos e generalidades; uma história sem luta e sem resistência dos nossos povos.

A pesquisa e o documentário produzidos põem em xeque a versão da história que quer ser a única autorizada para narrar a história da humanidade. O esforço é pela demonstração da existência de muitas memórias e histórias silenciadas, vozes emudecidas, entre elas as vozes das mulheres indígenas que mantêm a força da resistência contra a opressão colonizadora. Portanto, o foco do presente estudo é o povo Pataxó da aldeia Barra Velha, centrando nas ações das mulheres da referida aldeia.

Assim sendo, o presente trabalho registra imagens em movimento e sons, vozes de mulheres que são porta-vozes de uma tradição milenar. São histórias de vidas reais de mulheres na aldeia Pataxó Barra Velha, evidenciando a existência de conflitos, grupos sociais antagônicos, pactos, lutas, mudanças e permanências. Mas são também, sobretudo, vozes que exprimem a resistência, conquistas e a luta pela liberdade e autonomia dessas mulheres.

O produto final proposto, o documentário sobre os saberes e fazeres da mulher Pataxó da aldeia Barra Velha oportuniza ao público o contato com a realidade do povo Pataxó, compreendendo a situação e a dinâmica da mulher Pataxó e suas histórias de vida na sociedade. Auxiliará as novas gerações de mulheres Pataxó a conhecer e entender as nossas histórias, as memórias das anciãs e a importância da mulher na conquista dos nossos territórios originários, no fortalecimento e valorização dos nossos saberes, língua, cosmologia e medicinas, afinal, na nossa cultura a riqueza maior são essas mulheres, anciãs que cuidam do povo e ensinam a darmos continuidade nas tradições do povo, marcadamente guerreiro e resistente.

Este trabalho tem como diferencial a produção de uma história das mulheres Pataxó, contada por elas mesmas, narrando sobre os desafios, as transformações e o modo como elas vivem hoje. Ressalto que é uma produção acadêmica que auxiliará na efetivação da lei 11645/08, que estabelece a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na escola não-indígena.

Do mesmo modo, a pesquisa colaborará nos diálogos interculturais promovidos na escola indígena da aldeia Barra Velha e nas demais aldeias Pataxó, estendendo-se para as escolas indígenas interculturais e diferenciadas pelo Brasil.

Considerando a chegada da modernidade na aldeia e os impactos trazidos por ela no comportamento das crianças e jovens, o presente trabalho se insere como orientação para mantermos fortalecidos os nossos cantos, danças e outros elementos constituintes das nossas tradições. As mulheres são as responsáveis por

excelência pelo Awê, o ritual que traz segurança para a comunidade, em que a dança e o canto são instrumentos de comunhão entre os Pataxó, pois o canto é a voz dos espíritos, é a mensagem propagada entre as pessoas, no tempo, produzindo o diálogo do presente com o passado e a continuidade das nossas histórias e sonhos, viajando por “mundos distantes” entre os nossos antepassados. Na dança, transpira-se energia antiga e recupera-se outras energias da terra, do ar, da água, do fogo e de todas as energias que estão na natureza, que são ensinamentos femininos que ajudam a entender a relevância desse trabalho, que pretende também ser uma proposta para salvaguardar a memória do povo Pataxó.

Nossos parentes mais velhos contam que os cantos e as danças não estavam voltados somente para os adultos. Eram manifestações abertas para todos da comunidade, desde crianças, rapazes, moças, mães, pais e tios. Com o passar do tempo, esses cantos e danças foram sendo abandonados paulatinamente pelos Pataxó da aldeia. Hoje, tais manifestações se mantêm e foram ressignificados e revitalizados.

Finalizo o texto dissertativo com a mesma frase que iniciei: o lugar de mulher indígena e onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, P. **Identidade e situação dos Pataxó de Barra Velha, Bahia.** Projeto de Pesquisas sobre os Povos Indígenas da Bahia. PINEB-Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 1972.

ALVARES, Alberto. **Da aldeia ao cinema: o encontro da imagem com a história.** Trabalho de conclusão do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da História Oral com a Historiografia Contemporânea. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro e Elza Ibrahim. Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **História Oral: Teoria, Educação e Sociedade.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006: 13-32.

BENJAMIN, Walter. Teses Sobre o Conceito da História. In: LÖWY, Michael. **Alarme de Incêndio: uma Leitura das Teses Sobre o Conceito de História**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BRASIL, André Guimarães. **Bicicletas de Nhanderu: lascas do extracampo**. In: Devires, v. 9, n. 1, p. 98-117, 2012.

CESAR, Amaranta. Que lugar para a militância no cinema brasileiro contemporâneo?

Interpelação, visibilidade e reconhecimento. In: **Revista ECO-Pós**, v. 20, n. 2, p. 101121, set. 2017. Disponível em:

https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/12493/8743. Acesso em 11 de nov. 2020.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. O aldeamento, o fogo e o Parque: resistência Pataxó em Barra Velha. IN: AGOSTINHO DA SILVA, Pedro Manuel *et alli*. **Tradições étnicas entre os Pataxó no Monte Pascoal: subsídios para uma educação diferenciada e práticas sustentáveis**. Vitória da Conquista: NECCS-Edição UESB, 2008.

KAYAPÓ, Aline Ngrenhtabare L; SCHUBERT, Arlete M. Pinheiro; ULRICH, Claudete B. **Mulheres indígenas: corpos-territórios-devastados-interditados**. Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Ano. 4, n. 7, (jan./jun.2020). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2020.

MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. São Paulo: Global, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. **De Heródoto ao gravador: histórias da História Oral**. Resgate, nº 1, Campinas, 1980.

VIEIRA, Vanuzia Bonfim. **A aldeia mãe Barra Velha e as Mães da aldeia**. Ie “Pataxi Imamakã Arahuna’á Makiamé” ug Iep Imamakã upã Pataxi. Belo horizonte 2013.

VIEIRA, Maria do Pilar, PEIXOTO, Maria do Rosário, e KHOURY, Yara Aun.
A Pesquisa em História. São Paulo, Ática, 1989. (Princípios - 159).